

ROSA LÍDIA COIMBRA

A LINGUAGEM METAFÓRICA

Universidade de Aveiro 1999

2.1. SOBRE METÁFORA

O primeiro aspecto a considerar prende-se com a teorização sobre a linguagem metafórica. Nesta secção, abordaremos três pontos fundamentais. Em primeiro lugar, recuaremos no tempo e apresentaremos, em traços gerais, algumas das teorias que mais marcaram a evolução dos estudos neste domínio. Em segundo lugar, atentaremos particularmente nas teorias mais recentes no âmbito da Linguística Cognitiva. Por fim, após uma abordagem ao tipo textual em estudo, o título de imprensa, realçaremos os pontos mais marcantes que constituem a fundamentação teórica do presente trabalho.

2.1.1. UMA BREVE PANORÂMICA HISTÓRICA

A maior grandiosidade é sem dúvida ser-se mestre na metáfora. É a única coisa que não pode ser aprendida dos outros. É a marca do génio.

ARISTÓTELES (*Poética*, §22)

Antes de procedermos ao trabalho de análise propriamente dito e de dizermos seja o que for acerca de uma figura como a metáfora, evocaremos, ainda que em breves pinceladas, alguns dos estudos¹ que, ao longo dos tempos, mais contribuíram para o conhecimento do processo metafórico.

¹ Num nosso anterior trabalho académico (COIMBRA-E-SILVA, 1990: 5-15), apresentámos também uma panorâmica histórica sobre os estudos que, ao longo dos tempos, mais marcaram a evolução do conhecimento sobre a metáfora. Aqui, apresentamos uma visão mais abrangente e actualizada. No entanto, o nosso destaque vai para o ponto 2.1.2, onde se apresentam as teorias actuais sobre este fenómeno que serviram de base à nossa análise, nomeadamente ao capítulo sobre o nível léxico-semântico.

2.1.1.1.

DE ARISTÓTELES ÀS TEORIAS DA INTERACÇÃO SEMÂNTICA

Os primeiros estudos sistemáticos datam do séc. IV a.C. e foram desenvolvidos pelo grande filósofo estagirita Aristóteles. Ele encarava a linguagem metafórica como abrangendo simultaneamente os domínios da Retórica e da Poética, e definia-a, na sua obra *Arte Poética*, em termos muito gerais: "A metáfora é a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do género para a espécie, ou da espécie para o género, ou da espécie à espécie, ou por via da analogia" (op.cit., cap.XXI, 7)². A transferência baseada na analogia de quatro termos era considerada a forma mais popular de metáfora. Dados os termos A está para B tal como C está para D, podemos substituir A por C e vice-versa. Também podemos criar um elo genitivo entre A e D ou entre C e B. Por exemplo, se a velhice está para a vida como o entardecer para o dia, podemos falar metaforicamente da velhice do dia e do entardecer da vida. A expressão "transposição do nome" tem sido objecto de análise por alguns linguistas que chegam à conclusão de que ela, de facto, pode dar uma falsa ideia do que realmente Aristóteles entendia por metáfora, uma vez que, na sua argumentação, ele acaba por a situar, não ao nível formal, mas ao nível conceptual:

"Aristotle sees metaphoric expressions as conceptually anchored: although the Poetics contains a potentially misleading sentence describing metaphor as the transfer of an expression from one thing to another, the context makes it clear that Aristotle sees the linguistic transfer as motivated by a conceptual relation-- either of category (genus to species, species to genus, species to species) or of analogy. In his view, the conceptual transfer induces the linguistic transfer. A few paragraphs later, he defines metaphor

as conceptual in explaining that metaphor comes from considering likenesses:

." (Poetics, Book 22, chapter 17)." (TURNER, 1998).

² Ver em ECO, 1984: 50-60 e 1994: 207-221 a apresentação e discussão da metáfora em Aristóteles. Eco defende que as duas primeiras categorias de Aristóteles não são metáforas mas sinédoques; que a terceira categoria pode ser incluída na quarta; e que a metáfora proporcional (de quatro termos) de Aristóteles não explica o seu mecanismo de construção mas apenas, eventualmente, o efeito final da figura (explica-nos a conclusão à qual essa metáfora nos leva mas não porque e como ela é construída). Ricoeur (1983) apresenta a complexidade da posição aristotélica face a esta figura e Gordon (1990) salienta o seu aspecto enigmático e quase contraditório.

A visão aristotélica da metáfora foi, erradamente ou não, interpretada pelos estudiosos posteriores como significando a epífora do nome, a transposição de um nome estranho (*allogrios*), ou seja, que designa outra coisa. Estavam lançadas as bases da hipótese da substituição que via a metáfora como um pedido de empréstimo, a um domínio estranho, de um termo que vem ocupar o lugar de um *substituens* com um significado literal. O mesmo percurso se verificava na comparação que era encarada como uma expansão da metáfora por analogia em que o confronto era explicitado por um termo ("como", por exemplo). Posteriormente, Cícero e Quintiliano inverteram este ponto de vista e apresentaram a metáfora como uma comparação abreviada, visão que, durante muito tempo se sobrepôs à de Aristóteles. É esta a posição de, por exemplo, Lausberg (1967: 163), que segue o conceito de metáfora dominante na Retórica Clássica, definindo-a como a

substituição (*immutatio*) de um *verbum proprium* ("guerreiro") por uma palavra cujo significado entendido *proprie*, está numa realção de semelhança (*similitudo*) com o significado *proprie* da palavra substituída ("leão")./ A metáfora, por esse motivo, é definida também como "comparação abreviada", na qual o que é comparado é identificado com a palavra que lhe é semelhante. À comparação (*similitudo*) "Aquiles lutava como um leão" corresponde a metáfora "Aquiles era um leão na batalha"³.

Em meados do século XVII, Emanuele Tesauro, em *Luneta Aristotélica*, retoma as teses do velho mestre estagirita. Atribui, igualmente, um âmbito muito lato à metáfora, abarcando todo o tropo e figura. Analisa o mecanismo metafórico não só na linguagem mas também na pintura, escultura, medalhística, arquitectura, etc. Defende a ideia de que o poder de construção da metáfora impõe um trabalho laborioso de leitura de

³ Esta relação entre a metáfora e a comparação tem gerado alguma controvérsia entre linguistas com pontos de vista diferentes. David Copper (1989), por exemplo, defende o ponto de vista segundo o qual o simile (comparação retórica) é sempre verdadeiro, enquanto a metáfora é sempre logicamente falsa (ver recensões em MÜHLHÄUSLER, 1989 e HERMAN, 1994). Tal como Ricoeur (1983), este autor coloca o simile no domínio do literal e a metáfora, pelo contrário, no do não-literal e da "falsidade", estabelecendo, deste modo, uma bipolarização. Outros autores, como é o caso de Teresa Bridgeman, salientam os aspectos comuns entre as duas figuras e argumentam que o simile pode ser tão "poético" e afectivo como se considera que a metáfora é, e a metáfora, por sua vez, pode ser simples e fácil como um simples simile (BRIDGEMAN, 1996, p.67). Esta autora segue a perspectiva de Eva Kittay (1990) segundo a qual o simile e a metáfora, apesar de diferentes, partilham do mesmo potencial expressivo, não podendo a sua percepção ser reduzida às diferenças nas suas condições de verdade.

uma grande quantidade de obras e realizações, num convite óbvio à intertextualidade, o qual será seguido da aprendizagem de uma combinatória. Nesta fase, Tesouro sugere a elaboração de um índice de categorias em fichas ou tabelas onde, para construir uma metáfora sobre determinada realidade, se poderia consultar e descobrir quais as realidades que, metaforicamente, serviriam para transmitir a ideia de determinada propriedade. Por exemplo, para fazer uma metáfora sobre um anão, consultava-se o índice das Coisas Pequenas dentro da categoria Quantidade (ECO, 1994: 223-225).

Um século mais tarde, Giambattista Vico, em *A Ciência Nova*, questiona esta existência de campos e universos semânticos presidindo à produção e interpretação da metáfora. Esta é vista como um elemento de comunicação interpessoal, não se resumindo a fórmulas linguísticas. Para Vico, linguagem e metáfora, em parte, constituem e determinam o pensamento (SHIBLES, 1971: 297).

A retórica posterior reduz o âmbito da metáfora à figura aparentada à quarta espécie definida por Aristóteles - a via da analogia. É assim que, já no século XIX, Pierre Fontanier inclui as metáforas nos tropos por semelhança, definindo-as como as figuras que "consistent à présenter une idée sous le signe d'une autre idée plus frappante ou plus connue, qui, d'ailleurs, ne tient à la première par aucun autre lien que celui d'une certaine conformité ou analogie." (FONTANIER, 1968: 99). Identifica a metáfora como o tropo de uma palavra por semelhança e demonstra que esta figura abarca todas as classes de palavras, ao contrário da sinédoque e da metonímia cujos domínios se limitam ao nome. Fontanier apresentava como parente da metáfora a figura da alegoria que se distinguia daquela (mesmo que desenvolvida, a que ele chama alegorismo) por um traço

fundamental: enquanto a metáfora oferece apenas um só verdadeiro sentido, o sentido figurado, na alegoria o sentido literal e o sentido espiritual coexistem num duplo sentido. Ou seja, ao contrário das metáforas, as alegorias não transformam nem modificam os objectos, antes os reflectem (op.cit. p.205). Esta ideia vem de encontro às palavras de Du Marsais que, no século anterior, explicava o uso da metáfora como uma conversão do sentido próprio de um nome num outro sentido, que só pode ser suportado por esse nome em virtude de uma comparação que reside na mente (SHIBLES, 1971: 90).

Já no século vinte, I.A. Richards, em trabalhos publicados a partir da década de 30, desenvolve a ideia, já apontada por P. Fontanier, de que a metáfora apresenta uma ideia sob o signo de uma outra e propõe designar por teor (*tenor*) a ideia em questão, que pode ou não estar expressa na superfície textual, e por veículo (*vehicle*) a ideia sob cujo signo a primeira é apreendida. O traço ou traços de sentido que estes dois termos apresentam em comum constituem o fundamento (*ground*) da figura. A metáfora não se resume ao veículo mas consiste no conjunto dos dois termos; engendra-se precisamente da sua percepção simultânea e da sua *interacção*⁴. Ao considerarmos a interdependência do teor e do veículo, estamos a aprender a considerar o mesmo tipo de relação que se estabelece entre a linguagem e o pensamento (BERTHOFF, 1991: 283). Na metáfora surge deste modo uma *tensão* (*tension*), mais sentida na metáfora viva⁵, não apenas

⁴ Nas teorias da interacção metafórica, o relacionamento veículo/teor é encarado como levando à redescoberta de sentidos em relação a ambos os termos: “Une figure comme la métaphore repose tout d’abord sur une rupture de l’isotopie de l’énoncé, que nous appellerons ici allotopie./ (...) le rapprochement ainsi effectué entre le terme allotopie et l’isotopie contextuelle ne consiste pas seulement à assimiler celui-là à celle-ci. L’isotopie elle-même ne sort pas intacte de cette confrontation, elle en est profondément *altérée*. Au contact du comparant, le comparé se découvre autre” (COLLOT, 1987: 86-87).

⁵ A metáfora viva, ao contrário da metáfora morta, como veremos mais adiante, faz-se sentir como figura pela evocação simultânea dos termos em conflito.

entre dois

termos mas entre duas interpretações diferentes do mesmo enunciado. O efeito metafórico surge, assim, do absurdo revelado na tentativa de uma interpretação literal. Ortony (1980: 350) ilustra estas noções de Richards com o seguinte exemplo:

"(...) consider *The man is a wolf* uttered by someone intending to speak metaphorically. The tenor is *man*, the vehicle is *wolf*; the ground is the comparative relationship between the two, and the tension is, or is caused by, the literal incompatibility between men and wolves. Thus, there is a sense in which the total meaning is exhausted by the conjunction of the ground and the tension of a metaphor".

O trabalho de Richards apresenta, assim, a metáfora já não como uma figura que diz apenas respeito à denominação, mas como algo que envolve a semântica de toda a frase, constituindo, na sua essência, um fenómeno de predicção (RICOEUR, 1976: 49-50). As teorias da interacção consideram tanto o fundamento como a tensão metafóricas e, portanto, lugar idêntico é dado à semelhança e à dissemelhança de sentido entre veículo e teor. Em relação à semelhança entre os dois termos, Richards distingue duas espécies de metáfora: objectiva (*sense metaphor*) e emotiva (*emotive metaphor*), conforme a semelhança se destaque respectivamente entre os objectos a que os termos correspondem ou entre os sentimentos por eles evocados:

"A metaphor is a shift, a carrying over of a word from its normal use to a new use. In a sense metaphor the shift of the word is occasional and justified by a similarity or analogy *between the object* it is usually applied to and the new object. In an emotive metaphor the shift occurs through some similarity *between the feelings* the new situation and the normal situation arouse" (RICHARDS, 1978: 221).

As noções de Richards sobre a estrutura intrínseca do enunciado metafórico são retomadas e desenvolvidas por Max Black. A dualidade de referência dos dois sujeitos, literal e figurado, da metáfora - respectivamente sujeito principal (*primary*) e sujeito secundário (*secondary*)⁶ - é marcada pela distinção entre as expressões que,

⁶No estudo intitulado "Metaphor", publicado em 1962 na obra *Models and Metaphors*, Black utilizava a terminologia *principal/subsidiary*. Mais tarde, no artigo "More About Metaphor" (1988,

no enunciado, são reconhecidas como metafóricas e as que, no mesmo enunciado, são tomadas literalmente. Em "The chairman plowed through the discussion", a palavra "plowed" é tomada metaforicamente, as outras não (ao contrário do provérbio, da alegoria e do enigma, em que todas as palavras estão em sentido figurado). Neste processo de distinção, Black introduz as noções respectivamente de foco (*focus*), correspondendo à expressão figurada, e quadro (*frame*), ao seu contexto literal. É precisamente da sua relação com o quadro que resulta o uso metafórico do foco. Este autor não se limita, no entanto, a sugerir uma nova terminologia. Assim, Max Black divide as teorias sobre a metáfora em três grupos: a teoria da substituição, na qual a metáfora é reduzida à substituição de um nome por outro; a teoria da comparação, que é um caso especial da categoria anterior, sendo a metáfora encarada como uma comparação abreviada; e a teoria da interação, no âmbito da qual ele insere o seu ponto de vista.

Critica o postulado da teoria da substituição segundo o qual a metáfora se resumiria a uma função de catácrese ou de ornamentação, sendo que qualquer substituição por um termo metafórico não resultaria numa alteração do conteúdo cognitivo do enunciado. M. Black introduz a noção de "sistema de lugares comuns associados", conjunto de opiniões e pressupostos que a comunidade linguística une aos empregos literais da palavra, e acrescenta que "as metáforas podem ser apoiadas por sistemas de implicações especialmente construídos, assim como por lugares comuns já recebidos" (apud RICOEUR, 1983: 136). O processo metafórico constitui-se, assim, como uma operação com conteúdo informativo próprio ao organizar um sujeito principal pela interação com

p.28), modifica-a para *primary/secondary*. Seja qual for a terminologia, os pares de termos correspondem à distinção "teor/veículo" de Richards.

um
sujeito secundário. No que respeita à interacção metafórica, Black segue, portanto, a
formulação de Richards: "In the simplest formulation, when we use a metaphor we have
two thoughts of different things active together and supported by a single word, or phrase,
whose meaning is a resultant of their interaction" (RICHARDS, *The Philosophy of
Rhetoric*, 1936, apud SCHEFFLER, 1979: 107)⁷.

Monroe Beardsley toma um ponto de partida idêntico ao de Richards e Black ao
definir a metáfora como um caso de "atribuição", que requer um "tema" e um
"modificador". A interpretação é regulada por dois princípios: o da congruência e o da
plenitude. O primeiro trata de decidir qual das conotações convém ao tema; o segundo
permite que, num texto poético, várias conotações se atribuam ao tema metafórico, desde
que se adequem ao resto do texto.

Apesar das teorias da interacção semântica terem contribuído para o avanço dos
estudos sobre a metáfora e de terem proporcionado o progresso da sua compreensão,
elas têm sido objecto de algumas críticas. Resumidamente, as falhas que lhes são
apontadas por Searle (1979: 86-93) são as seguintes:

1. Nas teorias da interacção, a metáfora é apresentada como um fenómeno de mudança de significado em pelo menos uma expressão linguística. No entanto, na metáfora nunca há mudança de significado (excepto diacronicamente com a "morte" da figura). Numa metáfora viva, a figura é sentida precisamente porque as expressões não mudam de significado. A expressão metafórica significa, de facto, algo diferente do

⁷ Ver uma crítica à teoria de Black em DAVIDSON, 1992 e respectiva resposta em BLACK, 1992. Segundo Eva Samaniego-Fernández (1998a) "Quizá el gran fallo de Black reside en que no explica como funcionan los mecanismos de cambio semántico y como se produce esa interacción. Sus detractores afirman además que no tiene en cuenta estructuras en las que aparecen tanto tenor como vehículo, en las cuales ya no se puede afirmar que una tenga preeminencia sobre la otra. Roger White (1996: 9-20), por sua vez, analisa o modelo de Black sob o ponto de vista da Filosofia da Linguagem, e utiliza a expressão "os dois vocabulários da metáfora" para referir as noções de Black: foco, parte da frase que corresponde à linguagem metafórica e o quadro, parte da frase que abarca a linguagem literal, embora admita que, em casos limite, toda a linguagem usada na frase seja, de facto, metafórica. Esta dupla linguagem existente na frase leva-o ainda a utilizar a expressão "híbridos linguísticos" em relação às metáforas.

significado das palavras, não porque tenha havido uma mudança a nível semântico nos elementos lexicais, mas porque o locutor quis dizer algo diferente com elas, ou seja, não existe coincidência entre o significado do enunciado e o significado da frase.

2. Para haver uma interacção entre uma expressão usada metaforicamente e outras expressões usadas literalmente, todos os usos metafóricos teriam necessariamente de ocorrer, segundo a teoria, em frases contendo expressões literais. Mas, na realidade, existem produções linguísticas em que todo o contexto frásico de uma expressão metafórica é, também ele, igualmente metafórico.
3. O significado da metáfora é, nestas teorias, apresentado como o resultado da interacção entre os elementos da frase. No entanto, na maior parte dos casos, não há qualquer interacção entre os significados dos sujeitos da metáfora. Por exemplo, na metáfora "Susana é um bloco de gelo", "Susana", sendo um nome próprio, nem sequer tem um sentido que possa interagir com o do SN "um bloco de gelo". Além disso, podemos usar outras expressões diferentes como sujeito principal (ex.: "A Sr^a Joana é um bloco de gelo" ou "Aquele rapariga ali no canto é um bloco de gelo") sem que a predicação metafórica se altere.

Na realidade, em termos fregeanos, enquanto as teorias da comparação tentavam explicar a metáfora como uma relação entre referências, as interactivas tentam explicá-la como uma relação entre os sentidos e as associações ligados às referências. Os defensores de uma abordagem interactiva viram, assim, correctamente, que os processos mentais e semânticos envolvidos na produção e compreensão dos enunciados metafóricos não dizem respeito propriamente aos referentes, mas dependem da intencionalidade, envolvendo relações de significados, associações, crenças, etc. O seu erro foi descreverem todas estas relações como uma interacção entre um quadro literal e um foco metafórico.

Numa visão mais recente da interacção metafórica, Tanya Reinhart (1980: 96-98) apresenta dois tipos de interpretação da figura distinguindo, por um lado, a interpretação pelo foco (*focus interpretation*) e, por outro, a interpretação pelo veículo (*vehicle interpretation*). Defende que a metáfora literária é caracterizada por uma explícita interpretação pelo veículo, enquanto a compreensão da metáfora não literária se limita à

interpreta
 ção pelo foco. Ilustra estas noções com o verso de T.S. Eliot "I have seen the
 mermaids riding seawards on the waves", no qual podemos entender *riding* como *floating*
 (interpretação pelo foco) e/ou ler *waves* como *horse* (interpretação pelo veículo)⁸. Esta
 hipótese da polivalência da metáfora poética é controversa. O problema do fenómeno da
 dupla visão não precisa de implicar um significado bi-partido por definição (STEEN,
 1989: 128).

2.1.1.2. OS ESTUDOS SINTÁCTICOS SOBRE METÁFORA

A metáfora é um fenómeno textual, não existe sem co-texto. Nenhum lexema ou
 expressão pode, isoladamente, ser classificado como metafórico. Daí que um ponto de
 vista lexicalista não esgote a sua descrição, pois a inserção no texto faz com que a
 metáfora co-ocorra com outras expressões às quais se encontra sintáctica e gramati-
 calmente ligada⁹. Qualquer estudo sobre a metáfora que não contemple as diversas
 possibilidades neste campo corre o risco de atingir generalizações falaciosas. Max Black,
 ao apoiar a sua teoria da interacção metafórica no único exemplo "Man is a wolf",
 concebeu facilmente uma troca de traços conceptuais entre os dois nomes. Talvez não
 tivesse desenvolvido esta noção se tivesse partido de uma metáfora verbal, *in absentia*.

⁸ Um outro exemplo apresentado pela autora (REINHART, 1980): "The yellow fog that rubs its back against the window panes" (T.S.Eliot, *The Love Song of Alfred Prufrock*) is similar in meaning to "the yellow fog that touches the window panes" but not to "The cat that rubs its back upon the window panes". (...) *Focus interpretation* assigns a reading to the focus expression which is a matter of selecting those properties associated with the focus expression which are relevant to the context (Thus among the properties of rubbing one's back, those of physical contact and of being in movement are consistent with the context of Eliot's metaphor, hence they can be selected). (...) The procedure of *vehicle interpretation* does not have to assign a reading to the vehicle (since once the vehicle is construed its reading is known). Rather it has to do with establishing the relation between the two concepts involved (the fog and the cat: motion, fuzziness, warmth, sensuous).

⁹ Van Dijk (1972: 250) designa esta importante característica do processo da metaforização pela expressão "carácter relacional" (*relational character*).

Isto não implica que a metáfora se distinga, sob o ponto de vista gramatical, dos outros usos da linguagem. Este foi um erro em que caíram alguns linguistas que, influenciados pelo modelo Chomskiano de *Aspects* em que as restrições seccionais (*selectional restrictions*) eram apresentadas como sendo de natureza sintáctica, ergueram teorias explicativas da metáfora como um fenómeno de violação ou desvio a nível gramatical. Esta posição foi defendida, no início dos anos 70, por Matthews, Abraham e outros, que consideravam a violação de uma restrição seccionial como condição necessária e suficiente para a distinção desta figura (MATTHEWS, 1971: 416; ABRAHAM, 1975: 17)¹⁰. Nesse sentido, Matthews rebateu os argumentos que Bickerton (1969) e Reddy (1969) tinham apresentado contra a teoria. No entanto, segundo Stroik (1988: 2), desde que McCawley e outros semanticistas generativistas apresentaram uma demonstração convincente de que as restrições seccionais não são de natureza sintáctica, a base daquela teoria sobre a figura perdeu credibilidade. As atenções neste domínio voltaram -se, então, não para a natureza sintáctica da metáfora, mas para a problemática da sua configuração sintáctica.

Também aqui parece já provado que não existe uma sintaxe do figurado (MORINET, 1988; TAMINE, 1979), ou seja, não parecem existir configurações sintácticas que distingam e assinalem a presença da figura. Isto não implica que o ponto de vista gramatical não possa ser aplicado ao estudo da metáfora, uma vez que uma coisa é a

¹⁰ Abraham, por exemplo, afirma: "All metaphors have their origin in a violation of the compatibility of lexemes in a syntactic structure. The syntactic regularities (constituent rules of base and derived structures), on the other hand, remain unaffected. In such a grammar, which interprets also violations of a syntactic nature (...), the rules of strict subcategorization and selection rules will thus mark distinctly syntactic non-interpretability (...) on the one hand and metaphoric interpretability on the other. As Mathews (1971: 416) has rightly observed, such a marking serves only as a *sufficient*, but not as a *necessary*, condition for the distinction of metaphorical utterances and those which cannot be interpreted at all" (ABRAHAM, 1975: 17).

sua identificação e distinção, que será de ordem semântica e pragmática, e outra coisa é o seu estudo, descrição e caracterização, que envolverá necessariamente todos os aspectos da linguagem. Utilizando as palavras de Halliday:

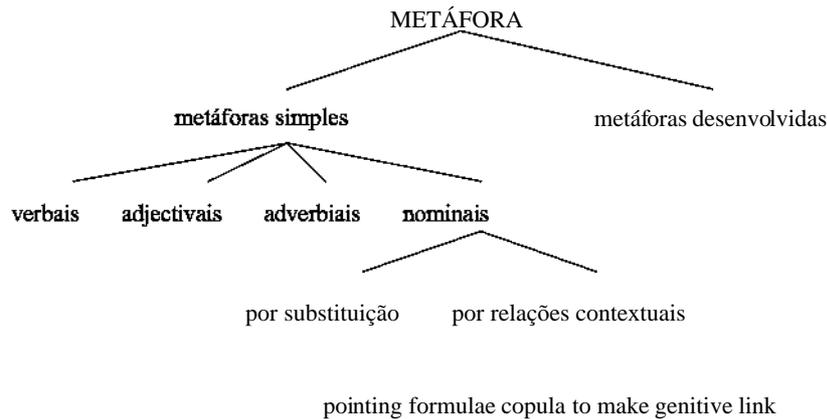
"What the metaphorical interpretation does is to suggest how an instance in the text may be referred to the system of the language as a whole. It is therefore an important link in the total chain of explanations whereby we relate the text to the system. A text is meaningful because it is an actualization of the potential that constitutes the linguistic system; it is for this reason that the study of discourse ('text linguistics') cannot properly be separated from the study of the grammar that lies behind it" (HALLIDAY, 1985: 345).

É, pois, num quadro sintáctico particular que se verifica a associação metafórica de elementos que não estariam normalmente associados. Os estudos sobre a gramática da metáfora começaram por partir da observação das diferentes classes de palavras a que o termo metafórico pertencia e, deste modo, eram construídas tipologias.

Uma das mais conhecidas, nesta base, surge em 1958 com *A Grammar of Metaphor* de Christine Brooke-Rose, onde se faz o primeiro estudo sistemático dos diversos processos combinatórios resultantes das diferentes configurações metafóricas. Esta autora começa, na sua obra, por fazer uma breve abordagem a várias tipologias anteriores à sua, desde o séc. XIII até à altura, às quais vai apontando várias falhas como por exemplo: não abarcar todas as possibilidades; constituir uma mera tabulação da qual não é feito qualquer uso; não se basear num corpus de exemplos reais mas sim em intuições que não são posteriormente fundamentadas; não distinguir convenientemente os vários tipos entre si; não conter comentários nem exemplificações; ou até conter contradições internas. A tipologia apresentada por Brooke-Rose utiliza como corpus uma série de textos de quinze poetas, desde Chaucer a Dylan Thomas, e parte do princípio de que a análise gramatical não é puramente descritiva nem uma mera classificação de fenómenos sem interesse. A indiferença pelo estudo da gramática do figurado nos diversos autores tinha por base a consideração de que o poeta se exprime numa dada língua e terá de usar verbos e nomes, sendo a proporção na metáfora simplesmente fortuita. Contrariando este ponto de vista, o objectivo dos estudos de Brooke-Rose vai no sentido de mostrar que os diferentes usos

da

linguagem na metáfora por poetas individuais revelam pelo menos tendências, se não mesmo escolha consciente (BROOKE-ROSE, 1958: 22). A tipologia apresentada divide as metáforas pelas classes de palavras: metáforas nominais, verbais, adjectivais e adverbiais. Esquemáticamente, pode ser apresentada do seguinte modo (cf. MOLINO et al., 1979: 27, sob indicação de Brooke-Rose):



Esta tipologia pode ser considerada precisa e detalhada mas está já ultrapassada, na medida em que se baseia nos princípios da gramática tradicional e toma como único critério as partes do discurso, ignorando o quadro sintático (MOLINO et al., 1979: 27-28; MESCHONNIC, 1970: 130). Tem, no entanto, a vantagem de salientar que a metáfora não se resume ao esquema 'A é B' e apresenta-a em toda a sua versatilidade. Nas palavras de Mac Cormac (1990: 45), Brooke-Rose redescobriu a complexidade da metáfora.

Alguns estudos posteriores sobre a metáfora incidiram sobre o aspecto da configuração sintática como um meio de a distinguir da comparação. É assim que Morier (1961: 646) distingue as duas figuras pela ausência ou não de *como* e seus equivalentes (*parecido com, tal*) e apresenta as possíveis configurações da metáfora (sendo A o termo comparado e B o termo comparante):

A,B ou B,A	- aposição	- "La chair, cette argile" ou "Cette argile, la chair"
AB ou BA	- justaposição	- "La chair-argile" ou "L'argile-chair"
A é B	- assimilação	- "La chair c'est l'argile"
A de B	- qualificação	- "Une chair d'argile"
B de A	- atribuição	- "L'argile de la chair"
B	- apagamento	- "L'argile"

Através destes exemplos, inspirados em Paul Valéry, Morier ilustra o seu ponto de vista, segundo o qual a origem da figura reside na captura simultânea de duas ou mais afinidades através de uma intuição que caracteriza o espírito poético.

Genette (1970) apresenta uma terminologia própria num percurso da comparação à metáfora segundo a presença ou ausência não só do comparante e do comparado mas também do modalizador comparativo (*como, tal que, parecer, etc.*) e do motivo (fundamento) da comparação:

- comparação motivada	- "Mon amour brule comme une flamme"
- comparação não motivada	- "Mon amour ressemble à une flamme"
- identificação motivada	- "Mon amour (est) une flamme ardente"
- identificação não motivada	- "Mon amour (est) une flamme"
- identificação motivada sem comparado	- "Mon ardente flamme"
- identificação não motivada sem comparado	- "Ma flamme"

No mesmo ano, o Grupo μ propõe uma lista de configurações que vão da comparação canónica à metáfora *in absentia* e que, segundo os autores, se destinam geralmente a atenuar o carácter relacional do *como*, que insiste sobre o aspecto parcial da similitude (Dubois et al, 1974 (trad.port): 162-165):

- 'como' e seus derivados	- "Éternel et muet <i>ainsi</i> que la matière" (Baudelaire)
- emparelhamento	- "Voie lactée ô <i>sœur</i> lumineuse/ Des blancs ruisseaux de Chanaan" (Apollinaire)
- 'é' de equivalência	- "La nature <i>est</i> un temple..." (Baudelaire)
- aposição	- "L'ennui... cet aigle aux yeux crevés" (Bernier)
- substantivo e verbo	- "Le coeur me piaffe de génie" (Laforgue)
- genitivo e atribuição	- "Aux moroses caillots de l'âtre incarnadin" (Vivier)

Temos pois, nestas duas últimas tipologias, não a preocupação com a configuração sintáctica da metáfora mas com os diversos graus de sobreposição de sentido entre os termos da figura: uma série crescente de "elipses", para Genette; e

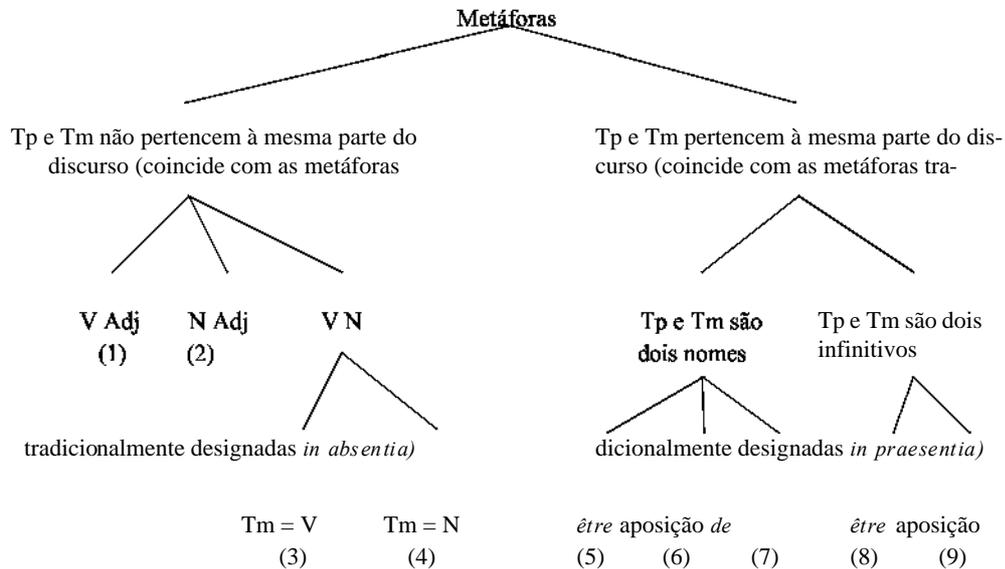
uma gradação na afirmação da "identidade", para o Grupo μ .

Segundo Irène Tamba-Mecz (1981: 45), é, no entanto, a Françoise Soublin (1971) que cabe o mérito de ter contribuído de forma decisiva para a resolução do problema da relação metáfora/comparação no nível sintático. Demonstrando a inexistência de homogeneidade na classe das comparações, F. Soublin prova a impossibilidade de transformar, por uma operação sintática de supressão, todos os enunciados comparativos em metáforas. Tal possibilidade restringe-se à fórmula metafórica 'A é B', que poderá resultar do apagamento do 'como' e do atributo, como no exemplo "um homem encolerizado é um leão" *equivalente* metafórico da comparação "um homem encolerizado é feroz como um leão". Já exemplos como "Mais la tristesse monte en moi comme une mer" (SOUBLIN, 1971: 105) não poderão ser transformados em enunciados metafóricos pela simples supressão de "comme", o que prova que, no seu conjunto, as figuras da comparação não se distinguem sintacticamente dos enunciados metafóricos por meio de uma operação de elipse.

A abordagem da configuração sintática da metáfora surge também em Joelle Tamine (1979: 65-81) que pretende juntar às diferentes formas compiladas por Brooke-Rose a consideração do quadro sintático global em que esta figura se insere. Deste modo, designa por Tp o termo próprio, por Tm o termo metafórico e por R a relação que entre eles é sintacticamente estabelecida, resumindo o esquema geral das metáforas em:

Tp R Tm

Divide as metáforas segundo as diversas configurações, contemplando também a classificação dos termos de acordo com as partes do discurso a que pertencem:



Exemplos:

- (1) "Exécuter religieusement un décret" (Saint-Just)
- (2) "une voix chaude"
- (3) "Et mon âme dansait, dansait" (Baudelaire); "La mer que ton oeil baigne" (Éluard)
- (4) "Mais en (Lina) réside un diamant couvert de boue" (Béalu)
- (5) "Mon coeur est un palais flétri par la cohue" (Baudelaire)
- (6) "La pitié, lierre qui s'enracine" (Hugo)
- (7) "Le visage des tentations" (Éluard)
- (8) "Être poète, c'est avoir de l'appétit pour un malaise" (Char)
- (9) "Être poète, avoir de l'appétit pour un malaise"

Esta tipologia apresenta, de facto, sobre as anteriores a vantagem da consideração do enquadramento sintáctico da figura mas, no nosso entender, este enquadramento não é feito de um modo muito preciso. Por exemplo, no segundo caso considerado, em que o confronto metafórico é estabelecido entre um nome e um adjetivo, não se distingue, no modelo de Tamine, qual a relação gramatical final do sintagma nominal. Parece-nos que a figura terá um impacto diferente conforme este SN seja, por exemplo, um sujeito ou um objecto directo. Estas diferenças não aparecem contempladas no modelo. Tamba-Mecz critica ainda em Tamine o facto desta tipologia assentar num ponto de vista lexicalista, conforme à concepção tropológica, que reconhece o papel da sintaxe, mas que situa *a priori* o sentido figurado no âmbito de um vocábulo (TAMBA-MECZ, 1981: 63).

Irène Tamba-Mecz (1981), na sua tese de doutoramento publicada com o título *Le Sens Figuré*, define o sentido figurado, não como um desvio, uma anomalia em relação à norma, mas como uma prática significativa ligada à actividade figurativa de um enunciador e às possibilidades combinatórias de uma língua. Distingue o *sentido figurado diacrónico*, próprio de um vocábulo cujas acepções mudam ao longo do tempo, e o *sentido figurado discursivo* que resulta da combinação de pelo menos duas expressões numa determinada estrutura sintáctica e referencial. Sob o ponto de vista sintáctico, é nesta junção das expressões linguísticas que assenta a estrutura da relação figurada:

1. Estruturas de uma relação figurada assente numa junção anafórica (interfrásica):
 Courtial des Pereires (...) était vraiment affecté par *le dernier trafalgar*

2. Estruturas de uma relação figurada assente numa junção mista (anafórica e
 sintáctica):
 - 2.1. substitutos nominais com função de juntor misto
 D'abord une bourrasque. Elle aboya.
 - 2.2. adjectivos possessivos com função de juntor misto
 le silence a (...) plongé son glaive
 - 2.3. construções apositivas e junção anafórica
 le lendemain vint quand même, cette chaudière
 - 2.4. copulativo de dois nomes e função anafórica
 La faculté, c'est une armoire bien fermée

3. Estruturas de uma relação figurada assente numa junção sintáctica:
 - 3.1 relação sintáctica de dependência unilateral
 - 3.1.1. substantivo dependente de um substantivo
 - 3.1.1.1. substantivo em apóstrofe
 Ça va! *ma charogne!* boucle ta gueule
 - 3.1.1.2. substantivo dependente de outro por assíndeto
 (...) de petites additions en *chifres-insectes*, en *chifres -grains de sable*
 - 3.1.1.3. substantivo ligado a um outro substantivo por intermédio de uma preposição ou de uma locução prepositiva
 les naufrages dans la poche (Prédét.1 + N1) + (Prép.) + (Prédét.2 + N2)
 - 3.1.1.4. substantivo ligado a outro por intermédio de um verbo atributivo
 Il pensa que *l'amour était une cocaïne* (Préd.1 + N1) + V.attr. +)Préd.2 + N2)
 - 3.1.2. adjectivo dependente de um substantivo

3.1.3.

substantivo ou advérbio dependente de um adjetivo

La route *ardente* de *poussière*/ incurablement généreuse

3.1.4. substantivo dependente de um verbo

3.1.4.1. directamente

je ne prétendais que *feuilleter ma mémoire*

3.1.4.2. indirectamente

Je me cramponne à la lucidité V + Prép. + Préd. + N

3.1.5. advérbios dependendo directamente de um verbo

Il se mit à écrire convulsivement

3.2. relação sintáctica de interdependência

(entre verbo e seu sujeito gramatical)

Les orteils riaient

4. Estruturas de uma relação figurada assente em duas junções sintácticas:

4.1. figuras construídas em torno de um eixo verbal

4.1.1. relações figuradas intervindo entre o nome sujeito e o grupo formado pelo verbo e um dos seus complementos

4.1.1.1. relação figurada entre o substantivo sujeito e o verbo seguido de um complemento de objecto directo ou indirecto

la nature hausse le ton

4.1.1.2. relação figurada entre o substantivo sujeito e o verbo passivo acompanhado de um nome complemento de agente ou de meio

notre appartement parisien était décoré par les paroles de Françoise

4.1.1.3. relação figurada intervindo entre o substantivo sujeito e o grupo formado pelo verbo e seu complemento de lugar

Ta mémoire ouvre sur une oubliette

4.1.1.4. relação figurada ligando um substantivo sujeito ao verbo completado por um advérbio em -mente, um gerúndio ou um sintagma preposicional estabelecendo uma relação de modo (por vezes comparativa) e de meio

l'air (...) redescend (...) en gerbes douces

Les toits laissent glisser en roucoulant une goutte de pluie

4.1.1.5. relação figurada intervindo entre o nome sujeito e o conjunto que compõe o verbo e seu complemento de objecto, de modo ou de lugar acompanhado de um determinante nominal (substantivo introduzido por "de" ou adjectivo de relação)

a) complemento de objecto

La mariée avait des beaux yeux immobiles des boeufs

b) complementos de modo, de meio ou de lugar

Vanessa se mit a marcher (...) de son grand pas élastique de lionne

4.1.2. relações figuradas entre o verbo ligado a seu objecto e um outro dos seus complementos

4.1.2.1. relação figurada intervindo entre o grupo do verbo e de seu objecto e um segundo complemento preposicional de atribuição

Quelle pâture donneras-tu à son activité morale et physique?

4.1.2.2. relação figurada intervindo entre o complemento de

objecto e seu atributo (directo ou indirecto) nominal

La paralysie a fait de son long cou maigre un pieu immobile

4.1.2.3. relação figurada intervindo entre o grupo do verbo e de seu objecto, e um nome complemento de lugar

Desnos (...) qui a des navires étranges dans chaque pli de sa cervelle

4.1.2.4. relação figurada intervindo entre o grupo do verbo e de seu objecto, e um segundo complemento preposicional de meio ou de modo

Je distribue l'ombre et la lumière à la serpe

4.1.3. relações figuradas resultando da união, a um mesmo verbo, de dois substantivos coordenados (zeugma)

nous restions accrochés aux phrases et aux coussins

4.2. figuras construídas em torno de um eixo adjectival

Ce regard plein de sève

Les oliviers étaient pâles comme de petites fumées

l'écumeuse humidité des torrents (hipálage)

4.3. figuras construídas em torno de um eixo nominal

Sa grande bouche, grotte d'ogre, se referma (Préd. N1 appos. préd. N2 de art. zéro N3)

ses interdictions devinrent un véritable réseau de barbelés (Préd. N1 verb.attribut. préd. N2 de art. zéro N3) l'air aux vibrations de cloche (Préd. N1 prép. N2 prép. N3)

4.4. figuras construídas em torno de um duplo eixo verbal (ou adjectival) e nominal

Le vent de la défaite soufflait sur Rome

5. Estruturas de duas relações figuradas assentando sobre uma dupla junção sintáctica e estruturas complexas:

5.1. estruturas de duas relações figuradas

5.1.1. construções de duas relações figuradas resultando da junção sintáctica de um verbo (ou de um adjectivo) a dois nomes 5.1.1.1. relação de sujeito e verbo associada a:

a) uma relação de verbo com objecto directo ou indirecto

Le phare écarquille la nuit

b) uma relação de verbo passivo com complemento de agente ou de meio

les corps bus par le sable

c) uma relação de verbo com complemento de lugar

Dans la tête de Franca était assise (...) la vérité

d) uma relação de verbo com complemento de modo, de instrumento, de comparação

le bateau râle de toute sa vapeur

Mon père (...) mugissait comme un trombone

5.1.1.2. relação de verbo e objecto associada a:

a) uma relação de verbo com complemento indirecto

Les préoccupations nétés à la pensée de la mort

b) uma relação de verbo com complemento de lugar

Qu'on serve les cailloux sur les caresses

c) uma relação de verbo e compl. de modo ou de meio

5.1.2. construções de duas relações figuradas resultando da junção sintáctica de

três

substantivos

Son rire, cette colique des sensations

5.1.3. construções de duas relações figuradas resultando da ligação de um verbo a um nome e deste nome ao seu complemento nominal preposicional

Il dénouera l'arc-en-ciel de la pudeur des femmes

5.2. estruturas complexas, de mais de duas relações figuradas

5.2.1. combinação de estruturas figuradas elementares

Sur l'Océan des prises flottaient des escadres de potiches

5.2.2. proliferação repetitiva

Le faisan comme une pierre, comme une pépite, comme une lampe à pétrole, comme une parole de trop, de son perchoir (...) vient de lâcher, (...) il tombe, (...) il tourne comme du feu, une feuille morte, un paquet de pommes frites, est-ce que je sais?

5.2.3. continuidade de um entrelaçamento bitemático (metáfora desenvolvida)

Une fois dans ma chambre, il fallut (...) creuser mon propre tombeau, en défaisant mes couvertures, revêtir le suaire de ma chemise de nuit. Mais avant de m'ensevelir dans le lit de fer, (...) j'eus un mouvement de révolte, je voulous essayer d'une ruse de condamné

Desta completa listagem de configurações possíveis das figuras de sentido, de entre as quais se destaca a metáfora, a autora conclui que a sintaxe é uma componente necessária mas não definitiva dos enunciados figurados, uma vez que estes se inscrevem nos mesmos quadros sintáticos que os enunciados não figurados.

Béatrice Lamiroy (1987), num estudo sobre verbos de movimento metafóricos, chega à conclusão de que as formas de superfície das frases metafóricas são inteiramente comparáveis às frases em que os mesmos verbos são utilizados no sentido próprio, mas, em contrapartida, as operações sintáticas que se podem efectuar sobre elas são mais restritas. A transformação passiva, por exemplo, é mais frequentemente interdita nos verbos de movimento metafóricos do que nos mesmos verbos não utilizados metaforicamente. Para além disso, o tipo de complementos preposicionais é mais restrito, certos complementos que seriam facultativos tornam-se obrigatórios e certos actantes não podem ser substituídos por clíticos. Ou seja, as operações que se podem efectuar sobre os verbos ou seus actantes tendem a restringir-se, quando se passa do sentido espacial próprio para o sentido figurado. Segundo a autora, a transferência metafórica passa por uma maior rigidez (*figement*) da estrutura canónica que define à partida o verbo de movimento. Neste estudo, Lamiroy apresenta uma tabela das estruturas possíveis em que os verbos de movimento são utilizados metaforicamente,

com

complementos verbais (infinitivas ou completivas):

CONFIGURAÇÃO	EXEMPLO
Que P V N ₁	Que Marie dise cela a dégonflé Luc.
Que P V Prep N ₁	Il erre dans son esprit qu'il aime Marie.
N _o V que P	Luc n'a pas encaissé que Marie le quite.
N _o V à ce que P (Prep N ₂)	Luc parvient toujours à démontrer ce qu'il veut.
N _o V de ce que P (Prep N ₂)	Les problèmes proviennent de ce que Luc est têtu.
N _o V que P à N ₂	Luc a lancé à Marie qu'elle est une parfaite imbécile.
N _o V que P Prep N ₂	Luc a détéré de sa mémoire que Marie lui doit de l'argent.
N _o V N ₁ à ce que P	Cela a amené Marie à penser que Luc a tort.
N _o V N ₁ de ce que P/de V-inf	On a déchargé Marie de faire cette corvée.
N _o V que P Prep ce que P	On a rapproché (le fait) que Marie démissionne du fait qu'elle n'a pas obtenu ce qu'elle voulait.
Il V que P	Il est apparu qu'il y avait de la fraude dans cette affaire.
Que P V N ₁ Prep N ₂	Que Marie ait dit cela a rempli Luc de joie.

LEGENDA: Que P = Que + frase completiva; V-inf = infinitiva; Prep = preposição; N_o, N₁... = os índices indicam a posição do sintagma nominal na frase, N_o sendo normalmente o sujeito, N₁ o complemento de objecto, etc.

Trata-se, pois, de uma tipologia restrita, centrada exclusivamente nas metáforas verbais, e destinada ao estudo específico dos verbos de movimento.

Morinet (1988) sublinha que a metáfora é um fenómeno inteligível no contexto da frase ou de uma unidade superior, que não existe uma sintaxe do figurado, mas que a observação da problemática da configuração sintáctica da metáfora é fundamental no seu estudo. Faz uma análise do soneto *Pierrot* de P. Verlaine, onde encontra as seguintes configurações da metáfora, que ligam o sentido próprio ao figurado:

1) Procedimentos ligados à construção da frase

ex.: coordenação: Sa gaîté, comme sa chandelle, hélàs! est morte, Et son spectre aujourd'hui nous hante, mince et clair.

2) Por retoma de SN1 Æ SV ou SV ~ V Æ SN2

exs.: - Sa pâle blouse a l'air (...)/ d'un linceul (...)

SN1 V SN2
- (...) il semble hurler sous les morsures (...)

SN1 V SN2
- Ses manches blanches font vaguement (...)/ Des signes fous (...)
SN1 V + ADVSN2

3) Por inserção de um SPrep

ex.: Avec le bruit d'un oiseau *de nuit* qui passe

4) Por procedimentos pontuais

Outros procedimentos sintácticos, nomeadamente a presença de um adjectivo em posição de epíteto (ex.: Sa face exangue) ou em posição de atributo (ex.: rend plus effroyable).

C

irlene Almeida (1989: 147-162) analisa as produções metafóricas no âmbito da predicação e conclui que os predicadores semânticos caracterizadores da metáfora coincidem com as categorias sintáticas da teoria da regência e ligação. Assim, apresenta uma taxonomia estrutural com quatro categorias:

1. Metáforas verbais

1.1. de um lugar (*O chefe rugiu*)

1.2. de dois lugares (*A maldade bebe a maior parte do veneno que produz*)

1.3. de três lugares (*Maria recebeu confetes do chefe*)

2. Metáforas nominais

2.1. de um lugar (*Um romance é um espelho*)

2.2. de dois lugares (*O povo quer que o governo seja um pai para todos*)

3. Metáforas adjetivais

Todas de um lugar pois, segundo a autora, não se conseguem produzir metáforas com adjetivos de dois lugares (*Pessoas frias me dão um calafrio*)

4. Metáforas preposicionais

(*Carlos tem autoridade sobre todos*)

A autora acrescenta que os verbos com sujeito nulo (p.ex. chover, amanhecer, nevar) só podem ser usados metaforicamente quando acompanhados por um verdadeiro argumento (ex.: *As civilizações amanhecem*)

Lynne Tirrell (1991: 346-347), por sua vez, apresenta seis categorias em que

os dois termos da metáfora, A e B, podem ou não estar presentes:

1) simples identidade do tipo '*A é B*', em que *B* é um nome ou uma descrição definida:

Juliet is the sun.

2) predicções puras do tipo '*A é A*':

Juliet is warm./ Juliet is brilliant.

3) predicções categoriais ("sortal predications") do tipo '*A é um K*', que parecem combinar as duas primeiras categorias:

'*Fran is a fox*' é analisado como dizendo que há uma raposa que é Fran ou como dizendo que Fran tem certos traços que geralmente caracterizam as raposas.

4) metáforas de substituição ("substitution metaphors"), em que há a substituição por um termo que não se aplica literalmente:

pity this monster, manunkind/ not (e.e.cummings)

5) metáforas com função de nome ("noun-function metaphors") do tipo '*O B de A*', em que se aplica, a um objecto *A*, a função *B*, a qual não tem, usualmente, um valor para esse

objecto:

- The countless gold of a merry heart./ The rubies and pearls of a loving eye (Blake)
- Argentina is the England of Latin America.
- a cloak of silence

6) metáforas com função de verbo ("verb-function metaphors"), talvez as mais usuais, do tipo 'O A x', em que x é algo que os Bs tipicamente fazem:

- When the green woods laugh with the voice of joy (Blake)
- The river sweats/ oil and tar (Eliot)
- Frequently the hills undress/ Behind my native town (Dickinson)

Andrew Goatly (1997) consagra dois capítulos da sua obra *The Language of Metaphors* ao nível sintáctico. Num dos capítulos ("The specification of topics"), são apresentadas várias configurações possíveis do enunciado metafórico, com a finalidade de demonstrar como as escolhas sintácticas efectuadas, com as suas opções a nível da ordem de palavras e de hierarquização sintagmática entre teor e veículo, podem afectar as interpretações das metáforas. Num outro capítulo ("The specification of grounds"), Goatly apresenta os diversos recursos sintácticos utilizados na especificação do fundamento da relação metafórica na superfície textual. As principais construções metafóricas são por ele condensadas na seguinte tabela:

Veículo	Teor	Fundament o	Marcador	Exemplo
Sim	Sim	Sim	Sim	One or two tupaia species <i>run along branches</i> like* squirrels .
Sim	Sim	Não	Sim	The movement [of the bowels] (is) like* creamed soup . <u>The boy was ravenous*</u> .
Sim	Não	Sim	Sim	They pull themselves up into a kind of* <i>green aquarium</i> under the branches.
Sim	Sim	Sim	Não	The bones of the land, lumps of <i>smooth grey rock</i> .
Sim	Não	Não	Sim	A kind of* autumn fell over the first grade.
Sim	Sim	Não	Não	Housework is a treadmill . <u>The treadmill of housework.</u> <u>Housework, that treadmill.</u>
Sim	Não	Sim	Não	<i>Silly ass!</i>
Sim	Não	Não	Não	Attach the mouse to the keyboard.
(coligação)	Sim	Não	Não	<u>The naked shingles (of the world).</u> <u>Winds stampeding the fields.</u>

Legenda das convenções tipográficas utilizadas na tabela: Negrito: Veículo metafórico; Sublinhado: Teor metafórico; Itálico: Fundamento metafórico; Asterisco: segue os marcadores da relação metafórica.

Para além

das obras referidas nesta secção, muitos outros estudos existem sobre a sintaxe da metáfora, quase todos parcelares e ocupando-se de aspectos particulares pelos quais o enunciado metafórico se distingue de enunciados não metafóricos¹¹. Pensamos, apesar de tudo, que esta amostragem atesta a grande complexidade e diversidade de configurações sintácticas sobre as quais assenta a linguagem figurada em geral e os enunciados metafóricos em particular.

2.1.1.3. OUTRAS TEORIAS SEMÂNTICAS

No estudo da linguagem metafórica, as atenções voltaram-se então novamente para as teorias semânticas, procurando identificar o tipo de relação entre o significado metafórico e o significado literal na linguagem.

Michel Le Guern (1973) já se tinha debruçado sobre a problemática semântica da metáfora e da metonímia, apresentando uma reformulação e desenvolvimento das teorias de Roman Jakobson (1963). Para Le Guern, a metáfora explica-se pela supressão, ou mais propriamente pela colocação entre parênteses, duma parte dos semas que constituiriam o lexema em questão. Por seu lado, a metonímia leva a uma escolha sintagmática que ultrapassa as estruturas paradigmáticas inerentes à linguagem, consistindo no "deslize de referência" entre duas entidades ligadas extralinguisticamente, o qual não está ligado à organização semântica da língua. A esta perspectiva têm sido apontadas algumas dificuldades (RICOEUR, 1983: 27 1-279),

¹¹ Ver, por exemplo, LACA & TASMOWSKY, 1994 sobre o plural indefinido e o atributo metafórico; BOONS, 1971 sobre a construção sintáctica SN-V-SN-de-SN; KNOP, 1987 sobre a formação de compostos metafóricos e sua relação gramatical final na frase.

nomeadamente a da ambiguidade resultante da combinação da relação sintagmática com a relação referencial.

Samuel Levin, em *The Semantics of Metaphor* (1979: 38), inclui as metáforas no conjunto das frases anómalas, as quais, segundo o seu ponto de vista, não são necessariamente desprovidas de sentido já que lhes podem ser impostas interpretações. A interpretação de uma frase anómala, é, para Levin, alcançada através da modificação da representação lexical, quer a nível do argumento, quer a nível do predicador, criando-se, assim, uma nova estrutura predicativa. Para tal, opera-se uma transferência de componentes de sentido operando por disjunção, conjunção ou deslocamento, quer no sentido argumento - predicador, quer no sentido inverso. Neste processo, resultam seis interpretações diferentes para uma mesma frase metafórica. Levin exemplifica com a metáfora *The stone died* para a qual propõe as seguintes seis interpretações diferentes (cf. op.cit. pp. 43 e segs: "The Six Modes of Construal"):

Por adunção:

- a) N ~ V leitura disjuntiva The natural physical object died.
- b) N ~ V leitura conjuntiva The stone (as if human) died.
- c) N & V leitura disjuntiva The stone ceased to exist.
- d) N & V leitura conjuntiva The stone died (as though die were predicable of objects jointly human and mineral).

Por deslocamento:

- e) N ~ V The dolt died.
- f) N & V The stone desintegrated.

Este modelo tem sido muito criticado (STROIK, 1988: 7-12), nomeadamente porque a simples decomposição semântica não contempla os aspectos extralexicaís a nível da conotação de que dependem as interpretações da figura.

Umberto Eco (1979: 67-89) também se debruça sobre o nível semântico da

metáfora

considerando que uma cadeia de conexões de tipo metonímico¹² está subjacente

a cada uma destas figuras:

"A long white neck being a property of a beautiful woman and of a swan, the woman can be metaphorically substituted for by the swan. Apparently one entity is in the place of the other by virtue of a mutual resemblance. But the resemblance is due to the fact that in the code there exist already fixed relations of substitution which, in some way or other, link the substitute entities to those substituted for".

Estas redes metonímicas de contiguidades, mais frequentemente explicadas por convenções culturais do que por semelhanças originais, são, deste modo, os mecanismos que permitem quer a invenção quer o reconhecimento da metáfora. Para produzir/interpretar esta figura, Eco (1994: 235-242) propõe partir duma representação componencial dos termos, determinando, no contexto, as suas propriedades pertinentes e identificando as que são iguais e as que são opostas. Metaforizante e metaforizado unirse-ão com base em propriedades gerais que são comuns e oporse-ão nas propriedades mais específicas (ex.: ao metaforizar *mulher* como *rosa*, encontramos em comum os semas da cor, frescura, natureza, etc., e em oposição os semas animal/vegetal).

2.1.1.4. A PRAGMÁTICA DA METÁFORA

O desenvolvimento das teorias de Austin, Searle e Grice¹³, entre outros, fizeram voltar as atenções para o nível pragmático da linguagem, campo a que não ficaram alheios os estudos sobre a metáfora. John Searle estuda e caracteriza o significado transmitido através de expressões literais, enunciados metafóricos, enunciados irónicos, metáforas mortas e actos de fala indirectos (SEARLE, 1985: 112-116). A base da sua teoria parte da associação de um termo P (significado das palavras)

¹² Eco não faz uma distinção absoluta entre sinédoque e metonímia: "Os limites entre sinédoque e metonímia são sempre obscuros. (...) Somente quando assumirmos que a enciclopédia é uma representação potencialmente infinita de todos os interpretantes, cairão todas as diferenças entre sinédoque e metonímia e permanecerão as marcas enciclopédicas e as marcas metalinguísticas, digamos, dicionariais" (1984, pp.95-96).

¹³ Cf. AUSTIN, 1978; GRICE, 1993; SEARLE, 1974; SEARLE, 1985 e SEARLE [et.al.](#), 1980.

a um termo R (significado do enunciado). As duas faces da metáfora são, deste modo, encaradas como, por um lado, o significado das palavras ou da frase (*word or sentence meaning*) - o que as palavras querem dizer, ou seja, o que é considerado equivalente na língua em questão - e, por outro lado, o significado do falante ou do enunciado (*speaker's meaning or utterance meaning*) - o que o locutor quer de facto dizer, tenciona comunicar quando produz um pedaço de discurso¹⁴. Consequentemente, o alocutário partiria do reconhecimento do carácter anómalo do enunciado, se tomado literalmente, e procuraria um significado específico. Assim, o significado metafórico nunca corresponde ao significado das palavras, mas é sempre um significado do falante¹⁵. Tendo em mente esta distinção, Searle exemplifica com o enunciado “Está a aquecer aqui” (*It's getting hot here*) que, conforme as circunstâncias, poderá tratar-se de: uma afirmação literal quando se pretende realmente dizer que a temperatura no local em questão está a subir; um acto de fala indirecto se o que se pretende é dar a entender a alguém que abra a janela; uma afirmação irónica quando utilizada para lamentar o frio crescente; e, ainda, uma afirmação metafórica no caso de se reportar ao ambiente de agressividade numa discussão. Daí que seja necessário distinguir o uso metafórico não apenas do uso literal mas de outros usos que, não sendo metafóricos, ultrapassam o âmbito do literal.

¹⁴ Sobre as noções de frase e enunciado e a distinção significado da frase/significado do enunciado, ver HURFORD & HEASLEY, 1985, p.3 e pp.15-24.

¹⁵ Nas palavras de Searle: "Many writers on the subject try to locate the metaphorical element of a metaphorical utterance in the sentence or expressions uttered. They think there are two kinds of sentence meaning, literal and metaphorical. However, sentences and words have only the meanings that they have. Strictly speaking, whenever we talk about the metaphorical meaning of a word, expression, or sentence, we are talking about what a speaker might utter it to mean, in a way that departs from what the word, expression, or sentence actually means. We are, therefore, talking about possible speaker's intentions" (1985, p.77).

Têm sido

apontadas diversas falhas (STROIK, 1989: 17-21; ROHRER, 1995b) à aplicação da teoria dos actos de fala ao estudo da metáfora como, por exemplo, a não captação das condições em que a figura é identificada e a não formulação de um procedimento para exprimir o sentido extraliteral que lhe é associado. Sob o ponto de vista da lógica formal, a teoria também apresenta falhas pois, segundo Veale (1995b), a distinção entre o literal e o figurado não é tanto uma questão de verdadeiro e falso, mas de convencional e não convencional.

A fim de colmatar estas lacunas, surge a abordagem da figura partindo do princípio de cooperação (ou cooperatividade) de Grice:

"Faça a sua contribuição conversacional de maneira a satisfazer, no momento em que o fizer, a finalidade ou a direcção da troca linguística em que está envolvido/a".

Grice desenvolve este princípio geral em quatro máximas:

- **Máxima da quantidade:** a contribuição deve incluir a informação necessária para os fins da troca linguística; não deve incluir um excesso de informação em relação às necessidades da troca.
- **Máxima da qualidade:** a contribuição deve ser verdadeira e fundamentada.
- **Máxima da relação (ou relevância):** a contribuição deve ser relevante, i.e., subordinar-se ao tópico da conversa.
- **Máxima do modo (ou maneira):** a contribuição deve ser clara, i.e., breve, não obscura, não ambígua, organizada.

O locutor viola deliberadamente (*flout*) uma ou mais destas máximas quando pretende transmitir significados não expressos na frase e que, no processo de recepção, serão inferidos pelo alocutário. Grice dá o nome de implicaturas conversacionais¹⁶ a estas

¹⁶ As inferências podem situar-se quer a nível da frase quer a nível do enunciado, distinguindo-se, assim, as **implicações** (ou implicaturas convencionais) das **implicaturas** conversacionais (ou implicaturas propriamente ditas). A implicação é produzida a partir da frase, sendo a sua verdade necessariamente decorrente desta. Por exemplo, da frase A Maria matou o galo podemos inferir, por implicação, O galo morreu. A verdade desta frase decorre necessariamente da verdade da primeira e, por consequência, a implicação não pode ser cancelada sem dar origem a uma frase que, semanticamente, é uma contradição: *A Maria matou o galo mas o galo não morreu. Por sua vez, a implicatura é inferida do enunciado, no seu contexto particular, e é passível de cancelamento. Voltando ao mesmo exemplo, se o enunciado "A Maria matou o galo" constituir a resposta a uma pergunta sobre a origem de sangue no avental da Maria, é possível inferir a implicatura de que O sangue no avental da Maria é do galo que ela matou. Não se trata aqui de uma implicação mas de

inferências retiradas do enunciado. Stroik (1989: 22-33), defende que as interpretações das expressões metafóricas partem de um processo de inferência por implicatura e prova-o com três argumentos:

- 1) As leituras metafóricas ligadas a um enunciado são passíveis de cancelamento, o que é uma característica das implicaturas conversacionais.
- 2) É através das estratégias de inferência dependentes do princípio da cooperação que se opera identificação dos enunciados que podem receber interpretações metafóricas. O receptor reconhece a necessidade de uma leitura não literal porque o enunciado viola uma ou mais destas máximas.
- 3) O princípio da cooperação determina, ainda, o cálculo da própria interpretação metafórica. O facto de que o significado extraliteral deve ser relevante a um dado enunciado, a fim de satisfazer o princípio cooperativo, leva o receptor a encontrar uma relação de relevância (convencional ou contextualmente determinada) que vai delimitar as possibilidades da interpretação metafórica.

As leituras metafóricas são pois calculadas a partir do princípio da cooperação¹⁷. A descodificação resulta do pressuposto de que tal enunciado tem de ser lido extraliteralmente a fim de cumprir o princípio da cooperação e que este significado adicional, de acordo com a Máxima da Relevância, tem, de algum modo, de estar relacionado com a predicação do enunciado.

Umberto Eco, além de considerar, como vimos atrás, o aspecto semântico da metáfora, debruça-se ainda sobre a sua pragmática (1984: 76 e 1994: 202-204) e inclui o uso metafórico da linguagem entre as formas pragmáticas de implicatura.

uma implicatura conversacional, uma vez que a verdade da frase O sangue no avental da Maria é do galo que ela matou não decorre necessariamente da verdade da frase A Maria matou o galo. Tanto é assim que a implicatura pode ser cancelada dando origem a um enunciado que, embora estranho, não é uma contradição: "A Maria matou o galo mas o sangue no avental dela não é do galo e sim do peru que ela matou a seguir". Sobre o problema das inferências ver, por exemplo, LYONS, 1977, pp.592-606; HURFORD & HEASLEY, 1985, pp.278-288; KEMPSON, 1986, pp.58-79; MATEUS et al., 1992, pp.120-124. Ver, ainda, uma crítica ao modelo de Grice em STERELNY, 1984:187-194 e Van Der AUWERA, 1984: 399-400.

¹⁷Este mesmo princípio tinha sido defendido em 1986 por Sherill Jean Begres na sua Tese de Doutoramento, *Theories of Metaphor*. Noppen e Hols (1990: 22) resumem o fulcro desse trabalho: "Begres offers an alternative to intensional and extensional conversion theories by arguing for a "constancy" theory requiring no meaning or reference conversions. This view involves H.P.Grice's notions of conversational maxims and implicatures: metaphors retain their literal meaning, by virtue of which they generate implicatures. The recognition of metaphors and the ability to distinguish them from literal expressions involves violations of conversational maxims".

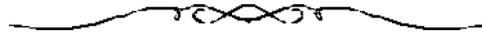
Apresenta o exemplo "Como é aquele sujeito? -É um avestruz" (significando que é uma pessoa que esconde a cabeça) como violando simultaneamente: a regra do modo, porque o enunciado não é claro nem perspícuo; a regra da qualidade, porque não é de facto verdadeiro; a regra da quantidade, porque não dá informação suficiente; e a da relação, porque não é relevante. Trata-se de um caso de implicatura em que se pretende, portanto, dizer outra coisa. Como uma coisa foi nomeada em lugar de outra, estaremos numa situação metafórica.

Estas abordagens pragmáticas da metáfora, ao contrário dos modelos anteriores, apresentam a vantagem de incluir praticamente todo o tipo de metáforas, não se limitando aos enunciados metafóricos que, numa leitura literal, se revelem falsos ou seleccionalmente incorrectos (*sortally incorrect*). No entanto, em todos estes modelos, se chega à interpretação metafórica partindo do significado literal e aplicando-lhe algum processo algorítmico. Embora isto possa acontecer em alguns casos, o processo normal de funcionamento da metáfora não é hoje encarado desse modo, como veremos na secção seguinte. Além disso, a abordagem de Grice sobre a metáfora entra em inconsistência com a generalidade da sua teoria, na medida em que, no caso do uso figurado da linguagem, o significado que se pretende transmitir por implicatura *substitui* o significado das palavras, ao passo que, nas outras implicaturas, esse significado lhes é *adicional*¹⁸. Apesar destas limitações, as teorias pragmáticas da metáfora, especialmente depois da explicitação de Stroik, têm sido desenvolvidas. Um exemplo disso mesmo são os estudos de Begoña Vicente (1996), em que se propõe, como alternativa à abordagem griceana, uma abordagem pragmática da metáfora no

¹⁸ A este propósito, ver o ponto intitulado "Metaphor as implicature" no artigo de B. Vicente (1996: 196-197) e ainda G.M. GREEN, 1989: 120-124.

âmbito da teoria da relevância¹⁹.

Muitos foram, ao longo do tempo, os estudos que tiveram como objecto a linguagem metafórica²⁰. Não tivemos aqui a pretensão de apresentar uma abordagem exhaustiva das várias teorias, mas antes a de fornecer uma pequena amostra dos vários pontos de vista, frequentemente contraditórios e mutuamente exclusivos. No subcapítulo que se segue, abordaremos as teorias que actualmente têm sido objecto de atenção por parte da Linguística no que concerne a abordagem do problema da metáfora.



¹⁹A teoria da relevância defende que a cognição humana tem um objectivo: prestamos mais atenção àquilo que nos parece mais relevante. Ao comunicar, o locutor requer a atenção do alocutário e, por consequência, sugere que a informação veiculada é relevante (SPERBER & WILSON, 1986).

²⁰Já em meados da década de 70, comentando a história dos estudos sobre a metáfora, Booth (1974: 177) salientava: "It has ranged from a minute oratorical device, one among many, to an imperialistic word conqueror".

2.1.2. AS TEORIAS ACTUAIS SOBRE METÁFORA

2.1.2.1. PROJECCÕES ENTRE DOIS DOMÍNIOS

Actualmente, uma lufada de ar fresco nos estudos e teorias sobre a metáfora surgiu-nos das pesquisas em Linguística Cognitiva. Desde os finais dos anos 70 que os estudos da metáfora orientados sob o ponto de vista psicológico têm aumentado pletoricamente. Em 1977, Pollio e seus colaboradores apresentam dados que provam a penetração da linguagem figurada em todos os níveis de comunicação. Calcularam, por exemplo, que a maioria dos falantes do inglês enuncia cerca de 3.000 novas metáforas e 7.000 expressões idiomáticas por semana (DANESI, 1989: 521). Diversos têm também sido os estudos que se debruçam sobre a capacidade de produzir/interpretar metáforas por crianças²¹.

²¹ Sobre o estudo da aquisição da capacidade de produzir/interpretar metáforas pelas crianças, ver, por exemplo: PAPROTTÉ (1985) num estudo das primeiras metáforas em crianças que iniciam a sua aprendizagem linguística (cf. recensão em CASAD, 1989); EVANS & GAMBLE (1988) numa pesquisa que conclui que as crianças mais velhas interpretam correctamente mais metáforas que as mais novas mas que, em cada estágio escolar, não são observadas diferenças entre o número de interpretações correctas de metáforas em que um atributo conhecido é salientado (*predicate promotion metaphors*) daquelas que envolvem a introdução de um novo atributo ao tópico (*predicate introduction metaphors*); JOHNSON (1989) sobre o papel de factores cognitivos e linguísticos no desenvolvimento da interpretação da metáfora em crianças bilingues (também sobre bilingues, ver o interessante artigo de NELSON (1992) sobre a memorização da metáfora em bilingues não fluentes); BRODERICK (1990) que conduziu uma pesquisa em que se conclui que as crianças são capazes de relacionar conceitos tanto de um modo concreto como abstracto desde os primeiros estádios de desenvolvimento da linguagem, embora haja um progresso substancial na compreensão da metáfora entre a idade escolar e a idade adulta; DYSON (1990) sobre o papel da metáfora na aprendizagem da escrita pelas crianças, nomeadamente no desenho dos grafemas (sobre o papel da metáfora na compreensão e memorização de texto escrito, ver REYNOLDS & SCHWARTZ, 1983); sobre metáfora nos vários graus de competência linguística, ver JOHNSON & ROSANO (1993), que concluem que, em contexto, os alunos de inglês como segunda língua não se distinguem dos alunos de inglês como língua mãe no que diz respeito à interpretação de expressões metafóricas; FONSECA (1994) sobre a expressão metafórica na pedagogia da produção escrita; GOTTFRIED (1997) sobre a produção de compostos metafóricos pelas crianças. Bolinger (1990: 141) salienta a capacidade de descodificação metafórica das crianças: "The world is a vast elaborated METAPHOR. Its beginnings go back to the roots of perception in earliest childhood. Nature does not come to the child in ordered fashion, but the child is equipped to perceive parts of it, and is born with one intellectual capacity that surpasses all others: the ability to see resemblances - which may, to begin with, be the same as the inability to see differences".

Apesar da atenção recente da parte dos cientistas cognitivos pela metáfora, a investigação experimental deste fenómeno já se localiza nos anos 50 e 60 com diversos trabalhos sobre o assunto na área do comportamento verbal humano (ver, por exemplo, em DANESI, 1989: 523). Antes de 1965, no entanto, os linguistas (nomeadamente os norte-americanos) que publicavam trabalhos sobre o uso quotidiano da linguagem raramente se debruçavam sobre a estrutura da metáfora, a qual era um assunto predominantemente do foro dos estudos literários²². Os estudos em ciência cognitiva em finais da década de 70 trazem uma nova maneira de encarar a linguagem, opondo-se ao que George Lakoff chama de 'cognição objectivista', que, segundo este autor, ignora o papel do corpo humano na caracterização de significados, bem como a capacidade humana imaginativa na criação de significados para além da realidade exterior desligada da mente (LAKOFF, 1988: 119).

As teorias cognitivas da metáfora criticam nas teorias clássicas o encarar desta figura como dizendo respeito à linguagem e não ao pensamento. Lakoff e Johnson (1980: 153)²³, pelo contrário, salientam que a metáfora é em primeiro lugar uma questão de pensamento e só derivativamente uma questão de linguagem²⁴. Forceville (1995: 189-190)

²² Nas palavras de Shen e Cohen: "Recent studies of human cognition during the last 15 years or so have convincingly argued that figurative modes of thinking such as metaphor, analogy and personification are not restricted to poetry; furthermore, the argument is that these figurative modes play a central role in ordinary human cognition and, in particular, in such areas as ordinary language use and conceptual organization. For example, Lakoff and many of his followers (notably Gibbs, 1994) have convincingly argued that various modes of language and thought traditionally associated with poetic discourse, notably metaphor, constrain and structure many major aspects of our ordinary, common, non-poetic usage of language and thought" (SHEN & COHEN, 198:123). Ver também POWELL, 1987: 39).

²³ Ver as seguintes recensões desta obra: LAWLER, 1983; STEPNEY, 1997a.

²⁴ Isto explica também a dificuldade que se encontra na tradução. Hilary Nessi (1995: 272), a propósito do uso figurado de nomes de animais em diversas línguas, conclui que "Many common terms such as 'cat', 'cow' and 'mouse' were found to have a wide range of figurative meaning, and discussions with informants [from 38 geographical regions] revealed that even advanced learners tend to think in terms of the connotations of their first culture when they encounter or use these words in a figurative sense in English". Um dos recursos que certas expressões figuradas e idiomáticas exigem na tradução é, mesmo, o de uma paráfrase

sublinha

este ponto, acrescentando que esta visão abre caminho para a noção de que a expressão da metáfora não só ocorre na linguagem, mas também em imagens visuais, e apresenta um estudo em que imagens de cartazes publicitários são encaradas como metáforas pictóricas (cf., também, MORRIS, 1993; KENNEDY, 1993; KENNEDY et al., 1993, GREEN & VERVAEKE, 1996, FORCEVILLE, 1996 e VEALE, 1998)²⁵. No âmbito específico da Linguística, em que situamos o nosso trabalho, temos, então, o estudo da *linguagem metafórica*, ou seja, da expressão linguística da *metáfora*. Para esta distinção e o para estudo da linguagem metafórica assim encarada, muito contribuíram os estudos do linguista cognitivista George Lakoff, que temos vindo a referir.

A abordagem cognitiva da metáfora introduz a noção de projecção (*mapping*) entre domínios conceptuais, localizando a metáfora no modo de conceptualizar um domínio mental em termos de um outro. Um artigo de Dedre Gentner e Donald Gentner intitulado

explicativa, como conclui Danielle Bault (1990: 62) a propósito da tradução para alemão da expressão francesa “Je ne suis pas dans mon assiette aujourd’hui”: “Simplement la langue allemande ne possède pas cette image et on traduit le sens. C’est un cas de traduction-explication, la traduction étant parfois plus explicite que le text-source, puisqu’on l’a vu, le sens en ce cas, n’est pas dans les mots”.

²⁵ Nós acrescentaremos que, além de pictórica, a metáfora pode ainda ser táctil, olfactiva e sonora. Um exemplo de metáfora táctil surgiu na publicidade em Portugal através do lançamento na imprensa (ex.: Público de 9/3/97) do folheto que aqui reproduzimos e em que a dificuldade que o leitor sente na



sua abertura devido às tiras pretas de velcro aderente pretende, metaforicamente, significar a aderência das rodas do automóvel à estrada. Uma metáfora olfactiva pode, em sentido lato, ser encontrada, por exemplo, nas cartas perfumadas com que os enamorados pretendem significar metaforicamente o lado sublime, agradável e atraente que os une. Em relação às metáforas sonoras, musicais, por exemplo, estudos recentes no âmbito da ciência cognitiva aplicada à musicologia (cf. ZBIKOWSKI, 1997 e ZBIKOWSKI, no prelo) mostram como a relação poema música pode ser encarada como uma correlação

“Flowing Waters or Teeming Crowds: Mental Models of Electricity” (1983: 99-130) tem sido considerado (cf. ROHRER, 1997) como o artigo chave que prepara a teoria da projecção entre estruturas na analogia, teoria que, mais tarde, é retomada e transformada nas projecções conceptuais de metáforas nos trabalhos de Lakoff e Johnson. O estudo de Michael Reddy (1988) foi um outro grande marco na introdução de tais projecções com o clássico exemplo da metáfora da conduta (*conduit metaphor*) pela qual, no inglês e não só²⁶, se apresenta metaforicamente a língua como uma conduta que possibilita a transferência de elementos do repertório de um falante para outro²⁷. Uma lista de quase

conceptual entre dois domínios. A própria linguagem da crítica e análise musical é altamente metafórica (ZBIKOWSKI, 1998).

²⁶Sobre a metáfora conceptual da conduta em francês, ver, por exemplo, LAMIROY, 1987: 49 e DILLER, 1991: 221-223. Lamiroy defende, mesmo, que os tipos de metáfora espacial em que ideias, sentimentos ou palavras são vistos como objectos transportáveis no espaço parecem ser uma constante se compararmos o francês com outras línguas, nomeadamente o inglês. Sugere ainda que a passagem do domínio concreto do espaço para certos domínios abstractos se faz segundo esquemas conceptuais que são constantes entre as línguas de culturas próximas. Algumas metáforas são tão constantes entre as línguas, que Danesi (1990), ao estudar a metáfora conceptual THINKING IS SEEING, coloca mesmo a hipótese de ela ser uma fórmula universal; pelo menos é encontrada em numerosas línguas não filogeneticamente relacionadas. Alguns estudos apontam que no ensino de língua estrangeira (mesmo que de cultura próxima) a tomada de consciência deste tipo de elos conceptuais revelar-se-á como um instrumento muito útil na aprendizagem de toda uma rede de itens linguísticos frequentemente utilizados (LOW, 1988; MAC LENNAN, 1994). Devido ao grande impacto dos estudos de Reddy, a metáfora da conduta tem sido estudada em diversas outras línguas (cf., no japonês, MASUHIRO, 1993). No entanto, nas nossas pesquisas, não encontramos dados relativos ao português.

A metáfora da conduta não é, obviamente, a única a ser utilizada em relação à comunicação. Ver, por exemplo, em LAPAIRE, 1994b um breve estudo sobre a metáfora WORDS ARE BUILDING MATERIAL, e ainda INTERNET IS A HIGHWAY em ROHRER, 1997b. Na realidade, em relação a qualquer domínio da experiência humana, podem surgir metáforas diferentes e incompatíveis entre si: “The study of our system of conceptual metaphors reveals that it is common for there to be many incompatible metaphorical models of important domains of experience” (LAKOFF, 1992).

²⁷A metáfora da conduta tanto se aplica ao discurso oral como ao discurso escrito. Mosenthal (1987) refere que, na metáfora da conduta relativa à leitura, a informação é vista como estando armazenada quer na mente, quer em alguma representação linguística impressa, quer numa combinação destes dois lugares. É ainda a metáfora da conduta que está subjacente a certas expressões idiomáticas aparentemente arbitrarias como, no exemplo de Lakoff, “spill the beans”: “The beans correspond to information. The container corresponds to the head. Therefore, the information is supposed to be kept in the head; that is, it is supposed to be kept secret. Spilling corresponds to letting the information out, either accidentally or apparently by accident. The information “goes all over the place”, and the secret is out (the beans cannot be retrieved). The result is messy (LAKOFF, 1990: 450). Embora Lakoff não pretenda explicar tudo deste modo, não há dúvidas de que importantes pistas no sentido da penetração no significado destas expressões se abrem. Em relação à língua portuguesa, um exemplo paralelo seria o da expressão “tirar nabos da púcara”, em que a correspondência se faria entre a púcara e a cabeça, por um lado, os nabos e as informações, por outro, sendo o retirar correspondente à obtenção das mesmas.

meia de exemplos diferentes é apresentada neste estudo, entre os quais:

Jane gives away all her best ideas.
 Your thoughts here don't quite make it across.
 Next time you write, send better ideas.
 I can't seem to get these ideas into words.
 His letter brought the idea to the French pilots.
 Interesting ideas just seem to pour out of that man.
 It was a notion I didn't catch right away.
 In terms of the rest of the poem, your couplet contains the wrong kind of thoughts.

Usando as palavras de Lakoff (1990: 114)²⁸, que desenvolvem estas primeiras intuições de Reddy, a metáfora da conduta para a comunicação projecta (*maps*) o nosso conhecimento acerca da transmissão de objectos dentro de contentores na compreensão da comunicação como a transmissão de ideias em palavras.

A palavra "metáfora" passa, assim, a ser entendida, no sistema conceptual, como uma projecção (no sentido matemático do termo) entre um domínio fonte (*source domain*), que serve como ponto de referência e onde se buscam conceitos e terminologia, e um domínio alvo (*target domain*)²⁹, aquele que é explorado e expresso com os elementos fornecidos pelo primeiro³⁰. O termo "expressão metafórica" refere-se à expressão linguística (palavra, sintagma, frase) que realiza, na superfície textual, a projecção entre os domínios (*cross-domain mapping*)³¹.

Uma das novidades desta teoria é a da reformulação da relação sentido

²⁸ Ver as seguintes recensões a esta obra de Lakoff: DAHL, 1989; WAXMAN, 1989; CASAD, 1992; STEPNEY, 1997b. Sobre uma apreciação geral das pesquisas de Lakoff, ver LAPAIRE, 1994a.

²⁹ Uma terminologia alternativa, que encontramos em alguns textos da especialidade, designa o domínio alvo por *reino* e o domínio fonte por *domínio*: "*Realms and domains, themselves metaphorical terms, refer to the semantic fields of tenors and vehicles, respectively. Their use reflects the fact that a major function of metaphor is to explain in familiar terms remote, abstract, or recondite concepts or ideas. The vehicular semantic world might be regarded, therefore, as being "closer to home", as it were.*" (GOATLY, 1987: 144).

³⁰ O conhecimento dos domínios conceptuais envolvidos na metáfora é fundamental para a sua compreensão. Estudos com crianças (cf. WAY, 1994: 57-59) têm demonstrado que o grau com que elas entendem a linguagem metafórica depende do grau com que adquirem distinções ontológicas. Assim, metáforas envolvendo a aplicação de atributos animados a objectos não animados (ex.: "O carro tem sede.") eram compreendidas antes de metáforas totalmente baseadas em distinções concreto-abstracto (ex.: "A ideia ainda não estava madura.").

³¹ Este fenómeno da projecção metafórica leva alguns linguistas cognitivos a classificarem a figura como um fenómeno dinâmico e não estático: "In semiotic terms a metaphor is a dynamic, as opposed to stable, sign, and this follows the etymology of the word, which suggests a transfer or displacement of names." (VEALE, 1995: 2).

literal/sentido metafórico³². Vários autores (ex.: PICKENS, POLLIO & POLLIO, 1985: 486; WALL, 1989: 46; DANESI, 1989: 524; LAKOFF, 1994: 205³³) chamam a atenção para o erro de encararmos a metáfora como um fenómeno parasitário como se o descodificador só passasse à interpretação do significado metafórico depois de ter tentado, sem sucesso, encontrar um sentido na leitura literal. A presença de linguagem metafórica requereria, assim, maior tempo de processamento³⁴. No entanto, várias pesquisas no âmbito da Psicolinguística (cf., por exemplo, POPIEL & McRAE, 1988; GERRIG, 1989; GIBBS & GERRIG, 1989; GLUCKSBERG, 1989; BISCHOFSHAUSEN et al., 1989 e SHRAW, 1995) demonstram que isso não se verifica quando o contexto se revela suficiente³⁵. Também a sequência rígida destas duas etapas (leitura literal - leitura metafórica) é posta em causa. De facto, em grande parte dos casos, não se verificam estas duas etapas pois não há sequer este esforço para tornar significativa uma primeira leitura de tipo literal. Em metáforas mortas, expressões

³²A este respeito, afirma Mininni: “As Lakoff and Johnson (1980) showed very well, our experiential system of relationships with reality is an organic whole of metaphorical arrangements. Radically (or ‘literally’) taken, the phrase ‘out of metaphor’ is an impracticable or an empty way of talking./ As a matter of fact, today’s most widespread conviction is that the distinction itself between ‘literal’ and ‘metaphorical’ meanings should be given up in favour of a view which deals with meaning in terms which are at the same time vaguer and more dynamic. This is the trend of both the (classic) theory of the *ubiquity of metaphor* in language use and the (latest) suggestion of a ‘metaphorical scale’” (MININNI, 1989: 236-237).

³³Ver uma recensão desta obra em GOLA, 1996.

³⁴Gibbs e Gerrig (1989) salientam, no entanto, que, do facto de a metáfora não requerer, em contexto apropriado, um maior tempo de processamento do que uma expressão literal semanticamente comparável, não se pode concluir que os mesmos processos metais estão envolvidos nos dois casos. Eles concluem que o que torna a metáfora “especial” está nos produtos da compreensão, e não no processo pelo qual os significados metafóricos são compreendidos (ver, ainda, SHEN, 1989 e GREGORY, 1993).

Esta observação terá, mesmo, segundo estudos recentes, uma base neuropsicológica: “Metaphor, like all figurative language, has been usually explained as a secondary linguistic process which takes place as a function taking place on literal language. However this explanation does not fit well with some of the recent work on right hemisphere processing of language or recent cognitive studies, both of which suggest that the figurative and literal language are processed simultaneously and share much structure” (ROHRER, 1995b).

³⁵A equivalência verificada nos tempos de compreensão da metáfora e das expressões literais não significa, obviamente, que os mesmos processos cognitivos sejam realizados nos dois casos (KREUZ & ROBERTS, 1993: 156).

idiomático

as e, mesmo, em metáforas vivas com a ajuda do contexto, identificamos, imediatamente, o sentido metafórico e não passamos por uma leitura literal se para isso não houver motivo. Em alguns casos, encontramos mesmo o processo inverso: apreendemos primeiro o sentido figurado e depois o literal em função de um determinado contexto. É o caso de algumas charadas, enigmas e certos poemas. Noutros casos ainda, a que Droste (1986) chamou meta-metáforas (*meta-metaphors*) e Grésillon (1988) duplo-sentido (*double sens*), a expressão tem um valor extensional duplo, referindo-se figurativamente a um estado de coisas e simultaneamente, numa interpretação secundária, ao estado de coisas literal. Por outras palavras, a ocorrência mental é simultânea e conscientemente associada a dois contextos habitualmente incompatíveis. É o caso do slogan publicitário "Poupe água: ela não cai do céu" que surgiu em Portugal num dos últimos anos de seca. A expressão "não cai do céu" significará, aqui, em primeiro lugar e conotativamente, que a água é um bem precioso difícil de obter e, numa segunda interpretação que não exclui a primeira, refere literalmente a falta de chuva. Há uma conjunção total, simultânea e não-redutível dos dois sentidos presentes³⁶. Não é, pois, na metáfora que os sentidos literal e

³⁶Na meta-metáfora, os dois sentidos presentes estão em conjunção **total** pois a totalidade dos sentidos é transmitida (ao contrário, por exemplo, de certos compostos como "cinzento-azulado", "agridoce", "saia-calça", que apenas conjugam uma parte de A e uma parte de B); **simultânea** pois não pressupõe uma hierarquia interna ou sucessividade ordenada (ao contrário, por exemplo, do caso citado por Kerbrat-Orecchioni "L'homme descend du singe... et le singe descend de l'arbre", em que há sucessividade dos dois sentidos em vez de simultaneidade); e **não-redutível** pois não é possível reduzir o duplo sentido a um único (cf. GRÉSILLON, 1988: 15).

Esta simultaneidade de sentidos é particularmente procurada em texto publicitário na formulação de jogos de palavras apelativos. De facto, estudos sobre texto publicitário demonstram que um dos recursos estilísticos mais explorados no slogan consiste na *literalização* de uma expressão que normalmente seria tomada em sentido conotativo: "Os slogans também brincam, por vezes, com a "literalização" de uma lexia complexa que se baseia no (...) efeito de desmontagem de um automatismo linguístico. Nestes casos, normalmente, as duas interpretações possíveis ficam disponíveis - leitura com fórmula fixa vs leitura literal - sendo a imagem e o próprio conhecimento do mundo do receptor que ajudam a seleccionar uma delas. Repare-se nos exemplos: / *A cidade a teus pés*.(Sapatos Manhattan)/ *A solução está na tua mão*. (Telebip TMN) (...)" (PINTO, 1997: 117).

figurado se confrontam, mas apenas na meta-metáfora.

A abordagem cognitiva da metáfora introduz a noção de metáfora conceptual (*conceptual metaphor*), que não reside nas palavras mas em imagens mentais, estabelecendo projecções de um domínio fonte num domínio alvo, imagens estas que permitem a construção e o reconhecimento das expressões metafóricas explícitas linguisticamente. Um exemplo muito conhecido de Lakoff é o da metáfora LOVE IS A JOURNEY. Lakoff e Johnson (1980) utilizam a convenção das maiúsculas pequenas (versaletes) indicando que não se trata de uma expressão linguística mas de uma mnemónica que sugere o nome do domínio fonte JOURNEY e do domínio alvo LOVE³⁷. Esta mesma metáfora conceptual é realizada em diversos contextos e em expressões linguísticas diferentes como:

Our relationship has reached a *dead-end street*.
 Look *how far we've come*.
 It's been a *long bumpy road*.
 We can't *turn back* now.
 We're at a *cross-roads*.
 We may have to *go our separate ways*.
 The relationship isn't *going anywhere*.
 We're *spinning our wheels*.
 Our relationship is *of the track*.
 The marriage is *on the rocks*.
 We may have to *bail out* of this relationship.

Não se trataria, pois, aqui de várias metáforas, mas de uma mesma metáfora conceptual

LOVE IS A JOURNEY que pode ser realizada em expressões linguísticas variadas. Paul Werth

(1994: 79) fala em famílias de metáforas. A metáfora conceptual estabelece um conjunto

de correspondências ontológicas. Neste caso, sendo a viagem projectada em amor, os

³⁷ Em relação a estas mnemónicas, Lakoff (1993b) salienta que as expressões em maiúsculas pequenas são nomes que se reportam às correspondências que efectivamente surgem nas produções textuais, não sendo elas próprias as projecções: "To make it easier to remember what mappings there are in the conceptual system, Johnson and I (Lakoff and Johnson, 1980) adopted a strategy for naming such mappings, using mnemonics which suggest the mapping. Mnemonic names typically have the form X IS Y, where X is the name of the target domain and Y is the name of the source domain. (...) When I speak of the LOVE IS A JOURNEY metaphor, I am using a mnemonic for a set of ontological correspondences that characterize a mapping, namely: THE LOVE-AS-JOURNEY MAPPING (...) It is a common mistake to confuse the name of the mapping, LOVE IS A JOURNEY, for the mapping itself. The mapping is the set of correspondences. Thus, whenever I refer to a metaphor by a mnemonic like LOVE IS A JOURNEY, I will be referring to such a set of correspondences".

amantes

corresponderão sempre aos viajantes, os seus objectivos ao destino da viagem, os momentos de decisão às encruzilhadas, etc. Não encontramos nesta metáfora, por exemplo, expressões metafóricas que projectem as encruzilhadas nos amantes. Lakoff formulou esta característica das metáforas através do princípio da invariabilidade (*invariance principle*):

As interpretações metafóricas preservam a tipologia cognitiva (ou seja, a estrutura do *shema* imagem) do domínio fonte, de modo consistente com a estrutura inerente do domínio alvo (LAKOFF, 1994: 215).

Isto não significa que todos os elementos de um domínio sejam de facto projectados no outro. Em qualquer projecção metafórica, apenas uma parte da estrutura do domínio fonte é tipicamente projectada no domínio alvo (JOHNSON, 1987: 106)³⁸. Lakoff e Johnson (1980: 52-55) designaram-na a porção utilizada (*used portion*) da metáfora. Evidentemente que as expressões metafóricas novas podem estender as metáforas convencionais usando porções não convencionalmente utilizadas da metáfora. Por exemplo, a metáfora THEORIES ARE BUILDINGS é normalmente realizada em expressões como:

Is that the *foundation* for your theory?
Quantum theory needs more *support*.
You'll never *construct* a *strong* theory on those assumptions. He
buttressed his theory with *solid* arguments.
Evolutionary theory won't *stand* or *fall* on the *strength* of that argument.

Ou seja, ao metaforizar as teorias como edifícios, é vulgar projectarem-se as noções ligadas às paredes, às fundações, à solidez dos mesmos. No entanto, é perfeitamente aceitável recorrer à porção não utilizada da metáfora, focando aspectos do domínio fonte negligenciados pelas expressões convencionais como os quartos, as escadas, as fachadas, etc. Surgirão, deste modo, metáforas novas como:

His theories are Bauhaus in their pseudofunctional simplicity. He prefers massive Gothic theories covered with gargoyles.
Complex theories usually have problems with the plumbing.
(JOHNSON, 1987: 105-106)

³⁸ Para uma recensão desta obra, ver WAGNER, 1990.

Por vezes, a fonte é especificada através de um elemento que pertence ao alvo:

“Specifying the Source with Something That Belongs to the Target

Consider "Daniel Webster is a steam-engine." This is a bare metaphor, which we understand by means of THE GREAT CHAIN METAPHOR. We know that Daniel Webster is one form of being, a human being, and that a steam engine is a different form of being, a machine, and that our understanding of Daniel Webster metaphorically in terms of a steam-engine by means of THE GREAT CHAIN METAPHOR must bridge over exactly this distinction.

Many metaphoric expressions simply take the principal information separating the target from the source and pin it weirdly on the source, as in "Daniel Webster is a human steam-engine." This weird specification then emphasizes exactly that distinction which we must bridge over when we use THE GREAT CHAIN METAPHOR.

The information pinned on the source can also be something metonymic of the principal distinction separating the target from the source. For example, wearing trousers is metonymic of being human. Hence, "Daniel Webster is a steam-engine in trousers" (TURNER, 1991).

Este tipo de utilização de linguagem metafórica é, segundo Turner, muito comum.

Um outro aspecto interessante da teoria dos domínios conceptuais diz respeito à possibilidade de efectuar várias projecções sobre o mesmo alvo. Lakoff (1994: 219) salienta que é possível, na mesma frase, a utilização simultânea de duas ou mais projecções metafóricas. As pesquisas (ex.: EDWARDS & CLEVINGER, 1990) mostram que, quanto mais conhecido e popular é um tópico, maior é a quantidade e diversidade de metáforas sobre ele construídas. A hipótese que ficou conhecida nos anos trinta por lei de Sperber (SMITH et al, 1981: 912) já notava que os tópicos que produzem sentimentos intensos ou são de algum modo problemáticos tornam-se centros de atracção metafórica³⁹. A utilização de diferentes expressões metafóricas para o mesmo tópico é muito comum em poesia. O verso de Dylan Thomas "Do not go gentle into that good night", por exemplo, activa a metáfora DEATH IS DEPARTURE na expressão "go", enquanto "gentle" reflecte LIFE IS A STRUGGLE em que a morte é a derrota, e "night" reflecte A LIFETIME IS A DAY em que a morte é a noite. Este verso apresenta, deste modo, três metáforas diferentes para a

³⁹ Sob o ponto de vista diacrónico, observamos, também, certas regularidade, como por exemplo a lei de Kronasser, segundo a qual há, nos processos de alteração semântica das palavras, uma tendência universal para a progressão do concreto em direcção ao abstracto (PAVEL, 1991: 47).

morte, cada uma delas projectada em diferentes partes da frase.

Na linguagem quotidiana, é também comum a utilização de expressões metafóricas provenientes de domínios diversos mas referindo-se ao mesmo tópico⁴⁰. Danesi (1990: 22 1-225) apresenta exemplos em que o pensamento é metaforizado como visão:

I cannot *see* what you're getting at.
There is more to this than *meets the eye*.
That is my *point of view*.

como comida:

I just can't *swallow* that.
That's *food* for thought.
All the paper has in it are *raw* facts, *half-baked* ideas, and *warmed-over* theories.

ou ainda como uma planta (ver também LAKOFF & JOHNSON, 1980: 47):

His ideas have finally come to *fruition*.
That's a *budding* theory.
He has a *barren* mind.

e também como mercadoria:

It's important how you *package* your ideas.
She won't *buy* that.
There is always a *market* for good ideas.

Lakoff e Johnson (1980: 47) apresentam ainda exemplos em que as ideias são metaforizadas como pessoas:

Cognitive psychology is still in its *infancy*.
The theory of relativity *gave birth* to an enormous number of ideas in physics.
That's an idea that ought to be *resurrected*.

Em todos os casos se verifica um percurso do abstracto para o concreto. Neste caso, vários domínios fonte concretos (visão, comida, planta, mercadoria, pessoa) podem ser projectados no mesmo domínio alvo (ideias). O domínio do pensamento abstracto é projectado por domínios concretos diversificados, o que faz com que o mesmo tópico seja descrito por vários veículos metafóricos.

⁴⁰ George Lakoff, numa página da Internet (<http://cogsci.berkeley.edu>), apresenta um extenso índice de metáforas organizado pelo nome da metáfora, domínios fonte e domínios alvo. Aí, podemos ver, por exemplo,

que a metáfora LOVE IS A JOURNEY não é a única que diz respeito ao amor; são apresentadas listas de exemplos que actualizam metáforas como LOVE IS MADNESS, LOVE IS MAGIC, LOVE IS A UNITY.

É interessante notar que, por vezes, os vários domínios fonte, apesar de diferentes entre si, têm algo em comum a dizer sobre o domínio alvo. Novek (1992), por exemplo, fez uma pesquisa sobre as diversas metáforas que, em documentos públicos e académicos (brochuras e jornais), eram utilizadas para referir a realidade do analfabetismo. Dividiu as expressões metafóricas encontradas de acordo com os domínios fonte em:

-metáforas de guerra

- to *attack* the intergenerational cycle of illiteracy
- engage more human and financial resources in the *fight to eradicate* illiteracy
- *conquest* of illiteracy comes first

-metáforas de doença

- even the military is *plagued* by the problem of illiteracy
- illiteracy *can be "cured"* in one generation
- children *catch it* from their parents (...) *treat* it as a family *disease*

-metáforas de objecto

- literacy is the *key* to job training
- literacy (...) a critical *set of tools*
- the only available *ticket* to full citizenship

-metáforas de lugar

- illiteracy (...) the *dark country* of ignorance
- a *sea* of illiteracy
- Education was the most potent *avenue for escape*

-metáforas de força mágica

- illiteracy (...) *destroying* the life chances
- *hurts* the entire nation
- Mass literacy would not only have *created* a world in which men's disunities were lessened (...)

Todas estas metáforas, embora utilizando linguagem diferente, têm em comum, segundo Novek, o facto de exagerarem a importância de certos conceitos (nomeadamente a impotência ou deficiência do analfabeto) e de ignorarem outros (particularmente os factores socioeconómicos e políticos que influenciam os níveis de alfabetização das populações).

A escolha do domínio fonte da linguagem metafórica não é irrelevante para a mensagem a ser transmitida. Segundo estudos de Mark Johnson, a metáfora consiste num modo de compreensão pelo qual projectamos padrões de um domínio da experiência,

nomeadamente da nossa experiência corporal⁴¹, a fim de estruturar um domínio de outro tipo (1987: XIV-XV). Mark Turner (1994) acrescenta que este é um reavivar da célebre máxima de Protágoras de que o homem é a medida de todas as coisas. Nesta linha, Nancy Nelson (1990: 17-24) salienta que, na linguagem jornalística, a escolha da fonte metafórica reflecte valores sociais e tende a variar com as modificações das realidades sociológicas. Apresenta vários exemplos em que as metáforas, nas notícias de economia e política de jornais americanos, variavam de acordo com as orientações políticas e económicas dos mesmos na época em questão. Outros estudos (CLEVENGER & EDWARDS, 1988) concluem que a distância semântica entre os possíveis veículos e o teor da expressão linguística metafórica é um factor determinante na selecção da metáfora aquando da produção do discurso.

A situação inversa também é possível, ou seja, alguns veículos metafóricos são usados para descrever mais do que um tópico (LOW, 1988: 131). É o caso, por exemplo, das metáforas LOVE IS HEAT e ANGER IS HEAT. Certos enunciados metafóricos (ex.: "It happened in the heat of the moment" ou "The temperature rose") podem, conforme o contexto, referir-se a um ou a outro domínio alvo. Já outras expressões são típicas do domínio LOVE (ex.: "She's a red-hot performer", "a torrid affair" ou "to have hots for someone") ou específicos do domínio ANGER (ex.: "He got hot under the collar", "She boiled over" ou "anger was quietly fermenting").

Uma outra característica das projecções metafóricas resulta do facto de não ocorrerem isoladas umas das outras, mas de se poderem organizar em estruturas hierárquicas em que as projecções mais baixas (*lower*) na hierarquia herdaram as estruturas

exemplo muito óbvio é o da noção de simetria (cf. TURNER, 1986).

modo de compreensão pelo qual projectamos padrões de um domínio da experiência,

das projecções mais altas (*higher*). No exemplo de Lakoff (1994: 223), a metáfora LOVE IS A JOURNEY herda a estrutura da metáfora LIFE IS A JOURNEY. O que a metáfora LOVE IS A JOURNEY tem de especial é o facto de os dois amantes serem os viajantes e a relação amorosa o veículo. O resto da projecção é uma consequência da herança da metáfora LIFE IS A JOURNEY. Porque os amantes estão no mesmo veículo, eles têm destinos comuns, ou seja, objectivos de vida comuns; as dificuldades na relação são impedimentos da viagem, etc.

Segundo Lakoff (1994: 229), nem todas as metáforas funcionam deste modo, projectando um domínio conceptual noutro, com vários conceitos no domínio fonte projectados em conceitos correspondentes no domínio alvo. Há metáforas que apenas projectam uma imagem mental em outra. São metáforas imagem (*image metaphors*), funcionam do mesmo modo que as outras, só que aqui os domínios são imagens mentais singulares⁴². Ilustra com um exemplo de André Breton: "My wife... whose waist is an hourglass". Também aqui não são as palavras, mas as imagens mentais que nos levam a projectar a parte central da ampulheta na cintura da mulher.

Já a linguagem metafórica utilizada em tipos de discurso como o provérbio, a fábula, a alegoria, dependem, por sua vez, nesta perspectiva cognitiva, da nossa capacidade de extrair metáforas de nível genérico (LAKOFF & TURNER, 1989⁴³;

⁴²Peter Crisp (1996: 84) comenta a este propósito: "Metaphor is seen to attribute the definite structure for us of our bodies and bodily actions to spheres lacking such definite structure for us, and so to be indispensable to our understanding of ourselves and the world. Image metaphors depart from this prototype, since they map one concrete thing onto another, and so do not seem to be conceptually indispensable. This seems to be reflected in their not being, as Lakoff and Turner (1989: 92) note, conventionalised in the language, their detailed idiosyncratic nature making them one-off affairs. Lakoff and Turner (1989: 92) show that image metaphors can convey a distinctively conceptual content: the image mapping of a tree onto a man may activate the conventional, conceptual metaphor PEOPLE ARE PLANTS. Yet such an activation of conceptual metaphor does not seem to be a necessary but rather an optional property of image metaphors".

⁴³Ver uma extensa e interessante recensão desta obra em JACKENDOFF & AARON, 1991: 320-338).

LAKOFF

, 1994: 23 1-235). Lakoff e Turner designaram a relação entre uma estrutura de conhecimento específico e uma estrutura de nível genérico pela metáfora *GENERIC IS SPECIFIC*. Assim, determinado provérbio apresenta tantas possibilidades de interpretação quantas as maneiras de preencher o seu schema de nível genérico. Por exemplo, "Blind blames the ditch" pode ser aplicado a propósito de um candidato presidencial que se envolveu num escândalo sexual e que foi afastado das eleições depois da sua divulgação pela imprensa, uma vez que o candidato culpou a imprensa por ter invadido a sua privacidade. A metáfora *GENERIC IS SPECIFIC* projecta o schema de conhecimento do cego e do fosso no seu schema de nível genérico (para as pessoas que não reconhecem as suas limitações e culpam os obstáculos). O schema de nível genérico define uma categoria aberta de schemata de conhecimento. O schema do candidato é um membro dessa categoria, uma vez que se encaixa no schema de nível genérico. Estabelecem-se, assim, as correspondências:

O cego corresponde ao candidato.

A cegueira corresponde à sua incapacidade de reconhecer as consequências dos seus erros pessoais. A queda corresponde ao cancelamento da candidatura.

Culpar o fosso corresponde a culpar a imprensa.

Ou, numa representação esquemática:

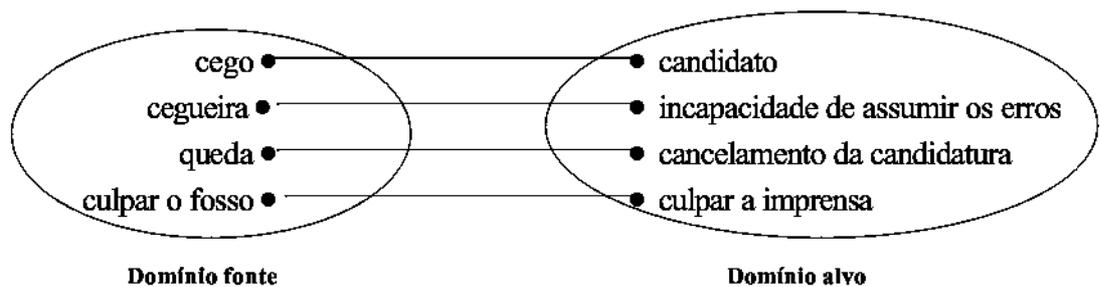


Diagrama 1 - Exemplo de uma projecção metafórica

As linhas curvas fechadas representam os conjuntos dos elementos pertencentes ao mesmo domínio conceptual e os pontos representam cada um desses elementos do conjunto. As rectas entre os pontos estabelecem as projecções metafóricas. Vemos, portanto, também

aqui, a aplicação do princípio da invariabilidade. Este princípio significa que a projecção entre duas estruturas não é um processo arbitrário. A organização experiencial do domínio fonte, com os seus padrões de inferências e juízos de valor associados, é, geralmente, preservada no domínio alvo⁴⁴.

Para Lakoff e Turner (1989), há, assim, três mecanismos básicos que permitem a interpretação de expressões linguísticas como metáforas novas: as extensões das metáforas convencionais, as metáforas de nível genérico, e as metáforas imagem.

Não deixa de ser curioso, nesta abordagem cognitiva da metáfora, que a projecção do domínio-fonte no domínio-alvo, o transporte de atributos pertencentes a um domínio para o outro, vai de encontro à própria etimologia grega da palavra metáfora: *metapherein*, de *meta* (para além) + *pherein* (transportar) (DILLER, 1991: 210).

Lakoff (1994: 244-246) resume as características e novidades da teoria contemporânea da metáfora na seguinte lista de resultados (tradução nossa):

⁴⁴ Boers e Demecheleer (1997: 166) ilustram esta característica das projecções metafóricas com o seguinte exemplo: “According to the ‘logic’ of the *PATH* schema, for instance, the goal of the path is the desired location that one wants to reach. Motion towards the goal is positively valued, while immobility or motion away from the goal are negatively valued. The shortest way to the goal is generally preferred. Mapped into abstract experience, this means that activities which serve a clear purpose and which yield results fast are valued positively. Inactivity and indecisiveness are valued negatively, and so on. (...) the Invariance Hypothesis also applies to those metaphors that build on more specific and elaborate source domains. Gentner & Gentner (1983), for example, showed that people’s inferences about electricity differed, depending on the metaphorical model they used (fluid flow model versus moving crowd model).”

NATUREZA DA METÁFORA

A metáfora é o mecanismo principal através do qual compreendemos conceitos abstractos e realizamos pensamento abstracto.

Muitos assuntos, dos mais mundanos às mais abstrusas teorias científicas, só podem ser compreendidos via metáfora.

A metáfora é fundamentalmente conceptual, não linguística, por natureza.

A linguagem metafórica é a manifestação superficial da metáfora conceptual.

Apesar de grande parte do nosso sistema conceptual ser metafórico, uma parte significativa dele é não-metafórica. A compreensão metafórica assenta na compreensão não metafórica.

A metáfora permite-nos compreender um assunto relativamente abstracto ou inerentemente não estruturado em termos de um assunto mais concreto, ou, pelo menos, mais estruturado.

A ESTRUTURA DA METÁFORA

As metáforas são projecções entre domínios conceptuais.

Estas projecções são assimétricas e parciais.

Cada projecção é um conjunto fixo de correspondências ontológicas entre entidades num domínio fonte e entidades num domínio alvo.

Quando estas correspondências fixas são activadas, as projecções podem projectar padrões de inferência do domínio fonte em padrões de inferência no domínio alvo.

As projecções metafóricas obedecem ao princípio da invariabilidade: a estrutura do schema de imagem do domínio fonte é projectada no domínio alvo de um modo que é consistente com a estrutura inerente do domínio alvo. As projecções não são arbitrárias, mas assentam no corpo e na experiência e conhecimento quotidianos⁴⁵. Um sistema conceptual contém centenas de projecções de metáforas convencionais, as quais formam um subsistema conceptual altamente estruturado.

Há dois tipos de projecções: projecções conceptuais e projecções de imagens; ambos obedecem ao princípio da invariabilidade.

ALGUNS ASPECTOS DA METÁFORA

O sistema da metáfora conceptual convencional é fundamentalmente inconsciente, automático e utilizado sem nenhum esforço notável, tal como o nosso sistema linguístico e o resto do nosso sistema conceptual. O nosso sistema da metáfora convencional está "vivo" no mesmo sentido que o nosso sistema de regras gramaticais e fonológicas está vivo; nomeadamente, está constantemente a ser utilizado, automaticamente, e abaixo do nível do consciente.

O nosso sistema metafórico é central para a nossa compreensão da experiência e para o modo de agirmos com essa compreensão.

As projecções convencionais são correspondências estáticas e não são, em si mesmas, algorítmicas por natureza. No entanto, isto não exclui de modo nenhum a possibilidade de que tais correspondências estáticas possam ser utilizadas no processamento linguístico que envolva passos sequenciais.

A metáfora é fundamentalmente baseada em correspondências com as nossas experiências, mais do que na similaridade.

O sistema metafórico desempenha um papel importante tanto na gramática como no léxico duma língua.

As projecções metafóricas variam em universalidade; algumas parecem ser universais, outras estão muito difundidas, e algumas parecem ser específicas de determinada cultura.

A metáfora poética é, na maior parte dos casos, uma extensão do nosso sistema convencional de pensamento metafórico quotidiano⁴⁶.

⁴⁵Neste ponto, Lakoff segue, na linha de Whorf (1969) e Wittgenstein (1987), o princípio de que o modo através do qual o falante recebe e encara a realidade é dependente da própria língua, ou seja, entre a visão do mundo e a linguagem existe uma relação de interdependência.

⁴⁶Numerosos estudos começam a surgir no âmbito dos Estudos Literários, partindo da aplicação da teoria cognitiva da metáfora à análise de textos literários. A título de exemplo, refira-se os estudos de Stockwell (1992) sobre ficção científica; Black (1993) sobre Golding; Freeman (1993a) sobre

Lakoff (1994: 246) termina dizendo que estas conclusões são as que melhor se encaixam nos estudos empíricos sobre metáfora conduzidos na última década. Embora algumas sejam inconsistentes com as visões tradicionais, não são de modo nenhum todas novas, e algumas ideias - por exemplo, a de que os conceitos abstractos são compreendidos em termos de conceitos concretos - já têm uma longa história.

2.1.2.2.

INTEGRAÇÃO CONCEPTUAL E ESPAÇOS MÚLTIPLOS

Num extenso artigo publicado em 1994 e intitulado *Conceptual Projection and Middle Spaces*, Gilles Fauconnier e Mark Turner alargam o alcance das teorias que apresentámos no ponto anterior e consideram a projecção metafórica entre dois domínios como um caso especial de um processo cognitivo mais abrangente a que chamam o modelo dos espaços múltiplos (*many-space model*)⁴⁷. Ao pretenderem abarcar uma multiplicidade de fenómenos cognitivos, e não apenas a linguagem metafórica, os autores propõem a substituição do termo “domínio conceptual” por “espaço mental”.

Neste novo modelo, a estrutura de dois ou mais espaços mentais é projectada num espaço amálgama (*blended space*), que herda parte da estrutura dos espaços de entrada (*input spaces*) e apresenta uma estrutura emergente própria (FAUCONNIER & TURNER, 1994a). Os autores propõem, pois, além dos dois espaços de partida - o domínio fonte e o domínio alvo, no caso da metáfora - a consideração de dois espaços intermédios (*middle spaces*): um espaço genérico (*generic space*) que contém a estrutura esquemática que se aplica aos dois espaços de entrada, e o espaço amálgama (*blended space*), que é um espaço fértil, integrando, de modo parcial, estruturas específicas de ambos os espaços de entrada e, eventualmente, incluindo outros elementos próprios (TURNER & FAUCONNIER, 1995). Este processo é esquematizado pelos autores no seguinte diagrama (FAUCONNIER & TURNER, 1997) em que se visualizam as intercomunicações entre os vários espaços e a existência de elementos não projectados de uns espaços nos outros, simbolizados pelos pontos isolados:

⁴⁷ O próprio Mark Turner evoluiu, nas suas pesquisas, de um modelo de dois domínios para o dos espaços múltiplos: “This “two-domain” model is highly parsimonious, and it is useful and effective for a number of purposes in cognitive studies--such as the ongoing hunt for conventional conceptual metaphors. But in Fauconnier and Turner (1994) we argue that the two-domain model is actually part of a larger and more general model of conceptual projection. We call this new and competing model the “many-space” model. The many-space model explains a range of phenomena invisible or untreatable under the two-domain model and reveals previously unrecognized aspects of even the most familiar basic metaphors” (TURNER & FAUCONNIER, 1995).

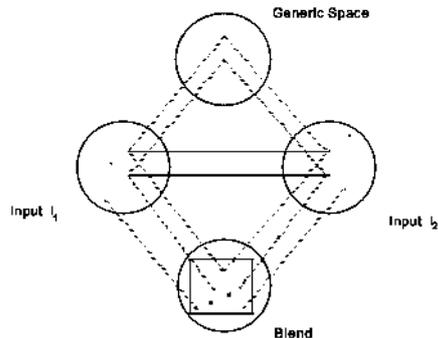


Diagrama 2 - Os espaços múltiplos de Fauconnier e Turner

Como ilustração de uma amálgama conceptual, Fauconnier e Turner (1994a) apresentam

vários exemplos entre os quais a seguinte adivinha (tradução nossa):

Adivinha do monge budista e da montanha: Um dia, ao amanhecer, um monge budista começa a subir uma montanha, alcança o cume ao pôr do Sol, medita no cume durante vários dias até determinado amanhecer, quando começa a caminhada de regresso até ao sopé da montanha, o qual é alcançado ao pôr do Sol. Não fazendo nenhuma suposição acerca das paragens e recomeços nem acerca do seu ritmo durante as caminhadas, prove que há um lugar no caminho que o monge ocupa na mesma hora do dia nas duas viagens distintas.

Solução: (...) imagine o monge budista simultaneamente a descer e a subir o caminho, no mesmo dia. Então, o lugar é onde ele se encontra consigo próprio. (...) Nesse lugar, o monge budista descendo tem de encontrar o monge budista subindo (ele próprio), de onde se infere que há um lugar, no caminho, que o monge budista tem de ocupar na mesma altura do dia nas suas duas caminhadas.

Neste exemplo, consideramos a existência de dois espaços de entrada (*input spaces*): um espaço que tem o monge a subir a montanha e outro espaço que tem o monge a descer a montanha. Os dois espaços apresentam elementos comuns que constituem o espaço genérico (*generic space*): os monges, a montanha, a caminhada, o decurso de um espaço de tempo de um dia. Da projecção destes elementos, forma-se a amálgama (*blend*), que é outro espaço mental e que é construído, uma vez que o encontro do monge consigo

próprio

nunca ocorreu na realidade, resulta de uma integração conceptual (*conceptual integration*). Este exemplo ilustra, igualmente, as principais considerações teóricas do modelo:

a) As várias funções das amálgamas conceptuais

Neste caso, a fusão das duas viagens num único dia permite encontrar a solução da adivinha. As amálgamas podem, assim, ser construídas oportunisticamente⁴⁸, para explorar relações úteis⁴⁹ entre os espaços em questão.

b) Proj ecção selectiva

Nem todos os elementos dos espaços de entrada são projectados no espaço amálgama, mas apenas alguns. Na solução da adivinha, a data da viagem, por exemplo, não tem lugar. A projecção é, pois, selectiva.

c) Integração conceptual

Os elementos que são projectados dos vários espaços de entrada podem ser fundidos em

48 Turner e Fauconnier (1995) utilizam o termo *opportunistic* e ilustram com um exemplo de uma integração simultaneamente conceptual e formal: "Consider single word integrations like "Chunnel," referring to the tunnel that runs under the English Channel. Clearly, there is a conceptual construction that integrates structure from both the generic frame of a tunnel and the knowledge frame of the body of water between England and France. (...) By fortuitous accident, a further integration of form is possible, given the phonemes in "Channel" and "tunnel". This integration is a formal blend, triggered by a partial phonological mapping between the two words channel and tunnel. Pressure to integrate produces in the case of English "Chunnel"; the corresponding accidents are lacking in French, leaving as the most integrated form "tunnel sous La Manche." This shows another important aspect of integration--that it is opportunistic. That this opportunism depends in any specific case upon apparently peripheral accidents can lead to the mistaken view that the operation is peripheral. Actually, the most central events and structures can arise exactly by opportunistic exploitation of accidents. Evolution teaches us that this is not paradoxical."

49 Outras funções úteis da construção de espaços amálgama são, segundo os autores: integração de eventos, resolução de problemas, acções e *design* inesperados, inovação científica, humor, efeitos literários e outros efeitos artísticos, transferência de emoções, conceptualização, estratégias retóricas, etc. (FAUCONNIER & TURNER, 1997). De facto, as integrações conceptuais encontram-se nos mais diversos campos da actividade humana. Um exemplo interessante analisado pelo musicólogo Lawrence Zbikowski (no prelo) aplica a teoria de Fauconnier e Turner à análise da canção: "The methodology will rely on recent work on conceptual integration networks by Gilles Fauconnier and Mark Turner. The poetic text used in the song setting occupies one node (or domain) within the network; the music occupies another node (or domain); and the 'song', as the emergent product of the correlation of these two domains, occupies a third node.

elementos únicos no espaço de amálgama. A montanha, o caminho e o dia, no espaço amálgama deste exemplo, são fundidos em elementos únicos, ao contrário do monge e respectivo percurso, que, por não sofrerem no processo de fusão, se vão encontrar todos nesse mesmo espaço. A integração de vários elementos numa unidade integrada⁵⁰ é um factor fundamental que motiva a construção das amálgamas conceptuais.

d) Uma estrutura emergente

O novo espaço não é o resultado da mera soma dos espaços de entrada. O espaço amálgama herda parcialmente as estruturas destes espaços, mas apresenta uma estrutura emergente própria. No caso da adivinha do monge, este é o único espaço onde se dá um encontro entre duas pessoas, por exemplo. Assim, o espaço amálgama é simultaneamente mais e menos que os espaços de entrada⁵¹.

O processo de amálgama conceptual parece, segundo alguns estudos no âmbito da

The fourth node of the standard four-node model is occupied by the generic narrative structure common to the text, music, and song nodes”.

⁵⁰Esta unidade integrada permite-nos operar cognitivamente dentro de um mesmo espaço (no exemplo dado, num espaço em que dois monges se encontram) sem perdermos, no entanto, o rasto da proveniência dos elementos que o integram (neste caso, sabemos que um dos monges significa o monge a subir a montanha, do espaço 1, e que o segundo monge significa o mesmo monge dias depois a descer a montanha, ou seja, o monge do espaço 2). Por outras palavras: “Once the blend is established, we can operate cognitively within that space, which allows us to manipulate the various events as an integrated unit. (...) We know the connection of the blend to the input spaces, and the way that structure or inferences developed in the blend translates back to the input spaces. We work over all four spaces simultaneously, but the blend gives us structure, integration, and efficiency not available in the other spaces” (FAUCONNIER & TURNER, 1996).

⁵¹Esta aparente contradição estrutural do espaço amálgama é sublinhada por Seana Coulson (1995) a propósito da metáfora-catácrese do vírus nos computadores: “The existence of integrated schemas which can be abstracted from both domains enables us to map elements from both source and target domains into the blended space. Schemas from the health domain of biological viruses are projected from the source space into the blend. Meanwhile, elements from the target space are projected into the blend in order to fill the slots of the virus schema./ Although the mapping which occurs is systematic, it is not comprehensive. There are many aspects of the health domain conceptualization of viruses which are not mapped into the domain of computer viruses. Further, although the blend receives only selected structure from its input spaces, the resultant blend can contain structure which was not present in either of the inputs. Properties unique to the blend emerge when background knowledge is activated in order to provide a coherent blending of projected aspects of the inputs. The resultant blend contains both more and less structure than the inputs: less, because only selected structure in the inputs is projected into the blend, and more, because the overall blend can contain novel structure which is unavailable from the inputs (Fauconnier & Turner, 1994)”.

neurologi

a, ter uma base neurológica, na actividade de zonas específicas do cérebro:

“Our implementation model takes the conceptual features of blending seriously, and assumes that each of the constructs appealed to at the conceptual level is a reflection of some aspect of the implementation architecture. This means in general that each of the input spaces as well as the blended space has a separate implementation base. Not only are separate cortical areas by and large responsible for storing the constructions and lexemes, but that there is a separate (at the very least functionally separate) cortical area whose responsibility is implementation of the blended space.” (GRUSH, 1997)

Estas pesquisas comprovam que a amálgama conceptual não é a simples soma de dois espaços de entrada, mas desenvolve um processamento próprio.

Segundo Fauconnier e Turner (1994b), a metáfora é um dos fenómenos que dá origem a espaços amálgama, uma vez que apresenta as características apropriadas:

- proj ecção parcial de espaços de entrada;
- estrutura emergente na amálgama;
- estrutura de correspondências entre os espaços de entrada;
- proj ecção de elementos de um domínio fonte;
- a amálgama não é usualmente percebida conscientemente, mas pode ser salientada;
- tarefa cogniti va específica da construção de amálgama (personificação, p.ex.). Um exemplo de uma metáfora esclarecedora do envolvimento dos vários espaços mentais é apresentada (1994a), pelos autores (tradução nossa):

Considere exemplos como o seguinte, o qual pode ou não ser considerado intuitivamente metafórico pelos leitores:

Ele é um autêntico peixe.

O espaço fonte inclui peixe e água. O espaço genérico, mais abstracto, projectado a partir deste espaço fonte, abarca a informação de que há um agente que se move excelentemente na água. Este espaço genérico pode ser projectado sobre uma grande variedade de espaços alvo específicos, de tal modo que, por exemplo, uma pessoa possa dizer “O meu cão de água terra-nova é um verdadeiro peixe” ou “Este limpador de tanques é um peixe perfeito”. No caso em consideração - “Ele é um autêntico peixe” - o agente do espaço genérico é projectado num ser humano no espaço alvo. O espaço amálgama tem a estrutura esquemática do espaço genérico bem como mais informação da fonte e do alvo. No espaço amálgama, todas as coisas que se movem eficientemente na água são peixes, incluindo os peixes reais. De facto, no espaço amálgama, todas as coisas que se movem eficientemente na água são realmente peixes. Isto pode parecer confuso, mas é preciso lembrar que ser um verdadeiro peixe na amálgama não é a mesma coisa que ser um

verdadeiro peixe na fonte ou no alvo. Isto levanta um ponto importante: o que é verdadeiro, o que é possível, o que é real, o que é o quê, tudo depende do espaço em relação ao qual estas questões são colocadas; as respostas em geral variam conforme nos deslocamos de um espaço para outro.

No espaço amálgama, uma nova categoria provisória foi construída, para fins locais. Ela toma o nome, como é de esperar, a partir da fonte, e, por isso, chama-se “peixe”. Tem sido considerado um mistério o motivo pelo qual a palavra “autêntico” é usada para caracterizar coisas que na realidade não pertencem à categoria. A resposta é que “autêntico” assinala uma mudança de espaço mental para uma realidade provisória.

(...) No espaço amálgama construído a partir de “Ele é um autêntico peixe” ou “O meu cão é um verdadeiro peixe”, algo pode ser simultaneamente um ser humano e um peixe ou um cão e um peixe. Considere o uso das palavras “autêntico” e “verdadeiro” nestas expressões. É completamente falso, tanto na fonte como no alvo, que o ser humano seja um peixe ou que um cão seja um peixe. “Ele é um autêntico peixe” e “O meu cão de água terranova é um verdadeiro peixe” são ambas falsas no que respeita à fonte e ao alvo. Mas são ambas verdadeiras no espaço amálgama que apresenta a categoria ampliada. Em relação ao espaço amálgama, o ser humano é na realidade um peixe e o cão é efectivamente um peixe. O efeito de “autêntico” e “verdadeiro” nestes casos é delimitador: indica que o *locus* de verdade é o espaço amálgama. Se os espaços amálgama não estivessem envolvidos na construção destas categorias conceptuais ampliadas, não haveria razão para “autêntico” e “verdadeiro” ocorrerem nessas expressões. Evidentemente, é importante lembrar que ninguém se confunde com a situação de cada um destes espaços: que o nadador no espaço amálgama conte como um “autêntico peixe” não leva ninguém a imaginar que ele conta como um “autêntico peixe” fora da amálgama. A ampliação da categoria é estritamente limitada à amálgama. Não se estende a outros espaços. Neste sentido, então, ela é local e temporária⁵². Serve um certo propósito num certo ponto da conversa, mas não estabelece um novo esquema conceptual. Em última análise, os peixes continuam a ser peixes e os cães continuam a ser cães.

Através deste e de muitos outros exemplos⁵³, os autores demonstram a utilidade

da aplicação deste modelo na descodificação da linguagem metafórica.



⁵² Exceptuam-se desta regra os casos de introdução de novas terminologias, por exemplo, em que metáforas desenvolvidas por catácrese acabam por morrer e fazer aumentar a polissemia da palavra. Nesse caso, o mecanismo de projecção dos quatro espaços produzirá mudanças mais ou menos permanentes de categorização. (Nota nossa)

⁵³ Ver, a título de exemplo, TURNER & FAUCONNIER, 1998, onde se encontra uma análise da expressão metafórica “If Clinton were the Titanic, the iceberg would sink” (sobre a sobrevivência política do presidente aos escândalos relatados por K. Starr) e uma análise à personagem Bertran de Born, de Dante, condenada a vaguear pelo Inferno com a cabeça separada do corpo, carregada nas mãos, por ter, em vida, provocado a separação de pai e filho. Nos dois exemplos, uma teia de metáforas e metonímias é desmontada de acordo com o modelo da integração conceptual.